

**UFRGS - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CURSO DE HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
ORIENTADORA : PROF. CYBELE CROSSETTI DE ALMEIDA**

**AGOSTINHO E AS MULHERES, UMA LEITURA DO LIVRO DAS
CONFISSÕES**

**Aluno: JOSÉ ALFREDO RODRIGUES
Cartão UFRGS: 69595
Matrícula: 1280/90-0
PORTO ALEGRE
2010**

Em memória de meu pai, Oswaldo, e de minha mãe, Nadir.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à Prof. Cybele Crossetti de Almeida, pela sua disposição de ter sido minha orientadora neste trabalho de conclusão de curso. É a segunda vez que ela me orienta. Acredito que tenho aprendido bastante com ela.

Todos os meus professores da graduação foram muito importantes nesta minha formação, mas eu gostaria de agradecer de maneira especial a três. Os citarei na ordem em que os conheci no decorrer do curso.

Com o Prof. Francisco Marshall eu fui apresentado novamente à cadeira de Antiguidade Clássica, de alguma maneira a inspiração primordial para esta monografia. Obrigado, Prof. Marshall.

Eu gostaria de agradecer o Prof. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli, principalmente pela disciplina de Técnica de Pesquisa Histórica. Mas não apenas por ela, pois pude assistir algumas outras disciplinas que o Prof. Guazzelli ministrou, e que enriqueceram minha compreensão da História.

Quase ao final do curso eu e um pequeno grupo de colegas privilegiados tivemos aulas com a Prof. Claudia Mauch, em disciplinas relativas ao Bacharelado em História. Eu achei ótimo que ela tenha se disposto a compartilhar muito da sua experiência como pesquisadora conosco. Obrigado, Prof. Claudia.

“Sois grande, Senhor, e infinitamente digno de ser louvado”. “É grande o vosso poder e incomensurável a vossa sabedoria”. O homem, fragmentozinho da criação, quer louvar-Vos; - o homem que publica a sua mortalidade, arrastando o testemunho do seu pecado e a prova de que Vós resistis aos soberbos. Todavia, esse homem, particulazinha da criação, deseja louvar-Vos. Vós o incitais a que se deleite nos vossos louvores, porque nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós.

Livro 1, capítulo 1 – *As Confissões*

Senhor, dai-me a castidade e a continência, mas não ma deis já!

Livro 8, capítulo 7 – *As Confissões*

Sumário

Introdução.....	6
Teoria e Metodologia.....	7
Antiguidade Tardia.....	18
Agostinho, o Livro das Confissões e as Mulheres.....	35
Conclusão.....	47
Bibliografia.....	50

Introdução

Esta obra é fruto de alguns fatores que se juntaram para que ela surgisse, como trabalho final do curso de Bacharelado em História.

Uma é um interesse antigo pela história do Império Romano, um interesse que vem desde o ensino fundamental. Este interesse acabou por ser renovado no encontro com a disciplina de História da Antiguidade Clássica, no início do curso. Como parte das atividades da disciplina foi possível explorar algo da biografia de Agostinho, uma personalidade rica e profícua.

Mais tarde, quando da disciplina de Pesquisa Histórica, foi necessário encontrar um tema para pesquisa. Eis que Agostinho novamente se apresentou. O problema era procurar alguma forma de abordar a vida ou a obra de Agostinho por um ângulo com algum grau de originalidade, ou, pelo menos, por algum ângulo menos óbvio que o grande teólogo católico, ou o grande bispo envolvido no combate às heresias de seu tempo.

A maneira de fazer isso foi tentar abordar o relacionamento de Agostinho com as mulheres. O livro das Confissões apresenta alguns relacionamentos e algumas mulheres. E se este estudo não chega a ser original, é mais uma contribuição para o estudo do período final da Antiguidade, ou do início da Idade Média, e mais um estudo que tenta se fazer em torno da história das mulheres, embora neste caso as mulheres que fizeram parte da vida do bispo.

Espero que a leitura seja proveitosa, e traga melhor compreensão desse longínquo tempo da História.

Teoria e Metodologia

Desde que existe escrita existe história, ou pelo menos existe o interesse em registrar “os feitos do passado”. Mesmo que se exagere em algum ponto, ou se omita um ou outro ponto. Mas em geral as pessoas que registravam o passado sempre manifestaram a intenção de registrar os “verdadeiros” feitos do passado. Heródoto ou Tucídides, os exemplos que podem ser contados entre os mais antigos e mais conhecidos, sempre demonstraram confiança de estarem contando fatos que haviam acontecido. Assim, podemos ter como verdadeiro o fato que desde aquele período de tempo que chamamos de Antiguidade existem historiadores.

Por outro lado, a História, como ciência e como técnica, ganhou grande parte de seu cabedal teórico a partir do século XIX. O alemão Leopold von Ranke, um dos pais da moderna historiografia viveu a maior parte de sua vida e publicou suas obras e reflexões nesse século. O famoso “manual” *Introdução ao Estudo de História*, dos franceses Langlois e Seignobos¹, foi publicado no final do século XIX. E desde então o campo do estudo da historiografia só tem se alargado. No mesmo século XIX Marx publicou sua vasta obra que teve impacto importante na economia, na sociologia e na história. E na primeira metade do século XX, Marc Bloch e Lucien Febvre lançaram a Escola dos Annales, demonstrando novos interesses, querendo com isso dizer que queriam realizar pesquisas em história para além da política, dos grandes homens, e grandes eventos.

De tudo isso que foi dito, duas coisas podem ser salientadas. Uma é o desenvolvimento da historiografia a partir da Europa. A outra é a proeminência dos homens (e por homens aqui queremos ressaltar os seres humanos do gênero masculino) nesse mesmo desenvolvimento da historiografia, o que é um reflexo da sociedade em geral.

Não devemos esquecer que o movimento sufragista feminino surgiu no final do século XIX, e que, no Brasil, por exemplo, as mulheres adquiriram o direito ao voto na década de 1930. As duas grandes guerras do século XX, além de grandes destruições, provocaram uma grande incorporação de mulheres no mercado formal de trabalho, substituindo em parte os homens que foram mobilizados para as frentes de batalha.

E por conta disso, me parece que não deve ser tomado como coincidência que uma obra que se

¹ LANGLOIS, Charles Victor; SEIGNOBOS, Charles. **Introduction to the Study of History**. New York: Henry Holt and Company, 1904.

tornou básica e inspiração de muitas outras obras sobre a identidade feminina e os direitos das mulheres tenha surgido pouco tempo após o final da Segunda Guerra Mundial. É a obra *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir². Nesta obra a autora demonstra como “ser mulher” não pode ser tomado na conta de algo natural, no sentido de que um bebê humano com características fisiológicas femininas não está naturalmente determinado a ser uma mulher, mas deverá haver toda uma interação, um jogo de influências para que isso venha a acontecer. A obra também é notável pela ampla pesquisa realizada pela autora, nas áreas de sociologia, psicologia e história para fundamentar seus argumentos. E, claro, merece ser notado que foi uma obra de grande fôlego intelectual escrita por uma mulher.

A questão “a mulher e a história” vem ganhando destaque desde os anos 1960. Não à toa, foi nesta época que se processou uma revolução comportamental que deu novo ímpeto ao movimento feminista. Parte desta movimentação feminina se deveu à popularização das técnicas de contracepção, especialmente, à pílula anticoncepcional. Com esta popularização dos métodos contraceptivos, as mulheres se tornaram muito mais senhoras de seus próprios corpos, e abriu-se a possibilidade da relação sexual com risco mínimo da gravidez.

Com o maior controle do próprio corpo, abriu-se a um número maior de mulheres a liberdade de ganhar seu próprio sustento, de ascensão na carreira profissional, e de escolher o momento de ter filhos, ou mesmo se realmente haveria o desejo de ter filhos.

E com isso se permitiu a ampliação do questionamento do papel da mulher na sociedade. Estudos de psicologia, sociologia, filosofia, e, inclusive, história proliferaram, e continuam surgindo. Claro que ainda há sociedades onde existem muitas restrições à liberdade feminina, mas, de maneira geral, nas sociedades “filhas da Europa” (ou “enteadas”, afinal há pessoas que dizem que a Europa foi mãe de algumas sociedades surgidas da colonização europeia, e outras que dizem que ela foi madrasta, no pior estereótipo que se possa ter de madrasta), as mulheres foram ganhando cada vez mais autonomia. Estudos sobre o papel da mulher, ou das mulheres, na sociedade, ou nos seus diversos subgrupos se tornaram bastante comuns.

Em seu artigo para o livro *A Escrita da História*, a professora Joan Scott faz um apanhado sobre a

2 BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Record, 1977. A poeta Alice Ruiz, por exemplo, deu um pequeno depoimento de dois parágrafos sobre *O Segundo Sexo*, para o jornal Folha de São Paulo, edição de 29/03/2009. Nesse depoimento, Alice Ruiz afirma que *O Segundo Sexo* foi um “divisor de águas em sua consciência e vida. Ver RUIZ, Alice. *O Segundo Sexo*.

história das mulheres dentro da comunidade de historiadores nos Estados Unidos. E neste artigo são destacados dois aspectos quando se fala em história das mulheres. Um é a história das mulheres como uma área da história em geral. Outro é a história das historiadoras americanas dentro da comunidade de historiadores. Logo no início do artigo, Scott informa que história das mulheres “apareceu como um campo definível nas últimas duas décadas”³. Como a data de publicação original do livro é 1991, podemos inferir que este campo definível de estudos históricos surge mais ou menos junto com a década de 1970. Isto para os Estados Unidos. É curiosa uma frase do artigo, onde ela afirma que “na AHA⁴, as mulheres, os negros, os judeus, os católicos e os 'não-cavalheiros' foram sistematicamente sub-representados durante anos”⁵. Assim, nos Estados Unidos, a história das mulheres tem sido tanto um campo de luta para as historiadoras americanas reafirmarem a qualidade do seu trabalho, quanto um campo de estudos dentro da história em geral.

O professor José d'Assunção Barros comenta assim o surgimento e o aumento do interesse da história das mulheres como “ campo definível de estudos históricos”:

“No século XIX, pouca gente imaginava no campo da historiografia ocidental que um dia iriam se tornar tão atrativos os estudos sobre a Mulher nas várias épocas históricas. Mas a partir da segunda metade do século XX este tem sido um dos temas mais cotejados pelos historiadores do Ocidente.”⁶

E ele acrescenta:

“As próprias mulheres do século XX, por outro lado, passaram a partilhar também aquela função de historiador que antes era exercida quase que exclusivamente pelos homens. De todos os lados surgiram obras sobre 'A mulher na Idade Média', 'A mulher escrava no Brasil Colonial', 'A mulher na Revolução Francesa', e também obras sobre personalidades históricas femininas. Na segunda *década* do século XX começaram inclusive a ser publicadas, primeiro na França e depois em vários países, obras panorâmicas sobre a história das mulheres, em vários volumes, abarcando épocas e sociedade diversas.”⁷

3 SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992. Pág. 63.

4 AHA – Associação Histórica Americana, conforme descrição à página 70 do referido artigo.

5 SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992. Pág. 72.

6 BARROS, José d'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História**. Petrópolis: Vozes, 2007. Pág. 26.

7 BARROS, José d'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História**. Petrópolis: Vozes, 2007. Pág. 27. Acredito que embora o autor tenha escrito “na segunda década do século XX começaram inclusive a ser publicadas...”, ele na verdade tenha querido dizer “na segunda metade do século XX”, até por coerência com o parágrafo citado anteriormente. Grifo meu na citação.

A *Histoire des femmes en Occident*⁸, ou a *História das Mulheres*, na tradução publicada em Portugal, uma obra de referência sobre o papel das mulheres na história, surgiu entre o final da década de 1980 e início da década seguinte.

Voltando ao artigo de Joan Scott, em determinado ponto a autora comenta sobre a história das mulheres em termos de uma “incômoda ambiguidade inerente ao projeto da história das mulheres, pois ela é ao mesmo tempo um suplemento inócuo à história estabelecida e um deslocamento radical dessa história”⁹. Scott evoca afirmações da escritora Virginia Woolf, em 1929, refletindo sobre história e o então recém-adquirido direito ao voto pelas mulheres nos Estados Unidos e no Reino Unido:

“Ela divaga sobre as inadequações da história existente, uma história que necessita ser reescrita, diz ela, porque 'frequentemente parece um pouco estranho, como se fosse irreal, desequilibrado', ou seja, carente, insuficiente, incompleto. Aparentemente se afastando da reescrita da história, ela apresenta como tentativa o que parece ser outra solução: 'Por que...não acrescentar um suplemento à história? Chamando-o, é claro, por algum nome discreto, de forma que as mulheres pudessem ali aparecer sem impropriedade?'”¹⁰

Scott conclui sobre o suplemento de Woolf, afirmando que “As mulheres estão ao mesmo tempo adicionadas à história e provocam sua reescrita; elas proporcionam algo extra e são necessárias à complementação, são supérfluas e indispensáveis.”¹¹ Este caráter suplementar quer permear um pouco este trabalho, abordando uma obra amplamente conhecida e estudada (*As Confissões*) com o questionamento sobre o papel das mulheres na obra do teólogo católico. Agostinho é amplamente estudado na história da igreja e na história da filosofia. Escreveu obras que serviram de base para a formação da teologia católica, e se envolveu mesmo na política do Império Romano, na medida em que Constantino veio a incorporar o clero católico à administração do Estado. Mas pouco é dito sobre o relacionamento de Agostinho com as mulheres com as quais conviveu, fosse a mãe, a concubina, ou aquelas sobre as quais exerceu o ministério de bispo católico.

Quando estudamos história das mulheres, é comum encontrarmos diversos relatos de opressão das mulheres, de menosprezo pelas mulheres, que se manifesta na misoginia. O mundo do ocidente

8 DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **Histoire des Femmes en Occident: I – L'Antiquité**. S.l.: Editions Perrin, 2002.

9 SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992. Pág. 75.

10 SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992. Pág. 75.

11 SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992. Pág. 76.

medieval cristão foi permeado pela misoginia. Os verbetes da *Enciclopédia Larousse Cultural* para a definição de misoginia e misógino são de uma simplicidade que pode gerar frustração, pois lá está a explicação de “aversão às mulheres”, para misoginia, e “o que tem aversão às mulheres”, para misógino, este com a etimologia grega da palavra¹². Na introdução de seu livro, Howard Bloch desenvolve uma definição mais consistente e mais esclarecedora para os fins desta pesquisa. Diz ele:

Proponho, então, definir a misoginia como um ato de fala no qual a mulher é o sujeito da frase e o predicado de um termo mais geral, ou, alternativamente, como o uso do substantivo mulher ou mulheres com M maiúsculo.

Mais:

...o efeito de um tal ato de fala em que a mulher é o sujeito da frase e o predicado um termo mais geral, aquele efeito que reside na zona onde o uso das palavras produz os elementos mais básicos do pensamento – e o pensamento autoriza a ação –, é o de fazer da mulher uma essência que, enquanto essência, é eliminada do palco histórico do mundo.

Por fim:

Mais frequentemente foram aqueles que foram hostis às mulheres que escreveram sobre a “Mulher” e a sua verdadeira essência imutável.¹³

E esta tentativa de essencializar a mulher trouxe consequências ao convívio entre mulheres e homens, sendo a mais comum, diversas formas de opressão sobre as mulheres¹⁴.

12 Misoginia, Misógino. In: **Grande Enciclopédia Larousse Cultural**. São Paulo: Nova Cultural, 1998. V. 16, p.4013.

13 BLOCH, Howard. **Misoginia Medieval e a Invenção do Amor Romântico Ocidental**. p. 13, 14.

14 No livro da teóloga alemã Uta Ranke-Heinemann, constante em nossa bibliografia (RANKE-HEINEMANN, Uta. **Eunucos pelo Reino de Deus**. Rio de Janeiro: Record / Rosa dos Tempos, 1996), há uma longa citação de Alberto Magno, grande teólogo medieval, inclusive, mestre de Tomás de Aquino, que é paradigmática, como discurso essencializante da mulher: “a mulher é menos qualificada (que o homem) para o comportamento moral. Pois a mulher contém mais líquido que o homem, e é uma propriedade dos líquidos fazer com que as coisas subam com facilidade mal se apegando a elas. Os líquidos se movem com facilidade, portanto as mulheres são inconstantes e curiosas. Quando uma mulher tem relações com um homem, gostaria, tanto quanto possível, de deitar com outro homem ao mesmo tempo. A mulher não sabe o que é fidelidade. Acreditei-me, se lhes derdes a vossa confiança, ficareis desiludidos. Confiai num professor experiente. Por essa razão os homens prudentes partilham de seus planos e ações com qualquer pessoa, menos com as esposas. A mulher é um homem vil e bastardo e tem uma natureza imperfeita e deficiente em comparação com a dele. Portanto, é insegura de si. O que não pode conseguir, tenta obter através de mentiras diabólicas. E assim, para abreviar, deve-se estar de guarda ante toda mulher, como se ela fosse uma cobra venenosa e um demônio com chifres. Se eu pudesse dizer o que sei sobre as mulheres, o mundo ficaria espantado... A mulher, estritamente falando, não é mais esperta e sim mais maliciosa do que o homem. A esperteza soa como algo bom, a malícia como algo mau. Assim no atos malignos e perversos, a mulher é mais esperta, ou seja,

Além de ser um trabalho que de algum modo toca na questão das mulheres na história, este trabalho, ao explorar o livro das *Confissões*, está temporalmente inserido no final do que convencionamos chamar de Antiguidade, mas num momento em que os povos que habitavam a Europa estavam se encaminhando para o que passamos a chamar de Idade Média, ou Medieval. Esse período, entre o fim da Antiguidade e o início da Idade Média é chamado por muitos de Antiguidade Tardia. Sobre a Antiguidade Tardia como conceito, pretendemos uma exploração um pouco mais abrangente adiante. Cabe agora ressaltar alguns autores.

O britânico Moses Finley¹⁵ possui uma obra que, me parece, deveria ser lida por todo estudante da Antiguidade. Embora a obra não se caracterize explicitamente como um manual, ela bem que poderia ser tratada como um. Finley expõe os desafios e dificuldades que se apresentarão a quem procure se especializar na história deste período temporal. Finley comenta sobre as fontes disponíveis, ou, talvez o que aconteça mais frequentemente, a ausência de fontes, pois quanto mais remoto o passado, mais raras as fontes.

Mikhail, ou Michael, Rostovtzeff¹⁶ escreveu no início do século XX livros sobre a chamada Antiguidade Clássica, isto é, sobre Grécia e Roma. Posteriormente no final da década de 1950 seus livros passaram por revisão. Talvez fosse um autor que pudesse ser chamado de antigo, mas suas descrições factuais, e suas análises continuam valendo, pois foi possível encontrar sua obra nas referências bibliográficas de pelo menos dois trabalhos que constam da nossa bibliografia, o que manifesta a sua atual relevância¹⁷.

No Brasil, um dos mais eminentes (talvez o mais eminente) estudiosos da Antiguidade é o professor Pedro Paulo Funari¹⁸, com suas obras sobre Grécia e Roma, eruditas e acessíveis. Seu trabalho se destaca porque, além das fontes literárias mais ou menos conhecidas da Antiguidade, o professor Funari também acompanha bastante de perto as descobertas arqueológicas.

mais maliciosa do que o homem. Seus impulsos a impelem em direção a todos os males, assim como a razão impele o homem para todo o bem". Alberto Magno, Quaestiones super de animalibus XV q.11. Apud: RANKE-HEINEMANN, Uta. **Eunucos pelo Reino de Deus**. Rio de Janeiro: Record / Rosa dos Tempos, 1996. Pág. 192.

15 FINLEY, Moses I. **História Antiga, Testemunhos e Modelos**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

16 ROSTOVITZEFF, M. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

17 São elas: LOPES, Eduardo Matos. **A Influência Religiosa no Comportamento Sexual na Sociedade Romana entre os séculos III e VI**; e RODRIGUES, Maria Denise. **Mulher, a Pecadora: Análise da Relação entre a Figura Feminina e o Pecado nas Confissões de Santo Agostinho**. Porto Alegre: UFRGS, 1997. Monografia.

18 Aqui, constam de nossa bibliografia: FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. São Paulo: Contexto, 2001; e FUNARI, Pedro Paulo; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA, Glaydson José da (Orgs.). **Amor, desejo e poder na Antiguidade**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

Avançando no tempo, isto é, apontando para o final da Idade Antiga e o início da Idade Média, outros autores aparecem com obras importantes.

O primeiro deles é do historiador francês Ferdinand Lot, com seu *O Fim do Mundo Antigo e o Princípio da Idade Média*¹⁹. A obra é do início do século XX, e se destaca por ser uma das primeiras a analisar o final do Império Romano de uma forma especial, trazendo pioneiramente este tema de “Antiguidade Tardia”. O também francês Henri-Irènnè Marrou²⁰ é outro francês a analisar os séculos III e IV da era cristã, de um modo mais específico. Enquanto Lot é mais descritivo, Marrou parece tentar mostrar os momentos finais do antigo Império Romano do Ocidente não como uma decadência, mas como o surgimento de uma nova forma de organização social.

Mais próximo do final do século XX, temos as obras dos professores Ramsay MacMullen²¹ e Peter Brown²². MacMullen foi professor em Yale, e embora ele provavelmente seja especialista em toda a chamada Antiguidade Clássica, como o professor Funari aqui do Brasil, ele se dedicou a escrever obras com foco principal nos anos (ou séculos) finais do antigo Império Romano. Inclusive seus títulos demonstram certo interesse pelas relações religiosas, pois em ambos os títulos em nossa bibliografia há referência à religião.

Peter Brown se tornou fundamental para o estudo dos últimos anos do Império Romano do Ocidente. Curiosamente, as três obras deste autor que aparecem nesta monografia surgiram em ordem inversa a que são mostradas aqui. A biografia de Santo Agostinho foi escrita na década de 1960, embora tenha sido revisada por volta do ano 2000. Resultou de sua formação em Oxford, e é uma obra que eu reputaria como magistral ou exemplar. Além da consulta às obras do próprio Agostinho, é nítida a pesquisa em diversas fontes, inclusive acompanhando a arqueologia da África do norte, com as descobertas feitas sobre a sociedade romana que ali existiu até cerca de mil e quinhentos anos atrás. O livro *Corpo e Sociedade* surgiu durante sua estadia em Berkeley, Califórnia, e nela ele procura analisar as motivações que levaram homens e mulheres ao redor do Mediterrâneo à renúncia sexual e à busca do divino, muitas vezes em isolamento em lugares ermos

19 LOT, Ferdinand. **O Fim do Mundo Antigo e o Princípio da Idade Média**. Lisboa: Edições 70, s.d..

20 MARROU, H.-I. **Decadência Romana ou Antiguidade Tardia?** Lisboa: Editorial Aster, 1979.

21 MACMULLEN, Ramsay. **Christianity & Paganism in the Fourth to Eighth Centuries**. New Haven/London: Yale University Press, 1997; e MACMULLEN, Ramsay. **Christianizing the Roman Empire A.D. 100-400**. New Haven/London: Yale University Press, 1984.

22 BROWN, Peter. **A Ascensão do Cristianismo no Ocidente**. Lisboa: Editorial Presença, 1999; BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade: O Homem, A Mulher e a Renúncia no Início do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990; e BROWN, Peter. **Santo Agostinho, Uma Biografia**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

e desérticos. Segundo Markus Vinzent²³, Brown teria tido influências de Foucault durante seu período em Berkeley, embora Vinzent afirme que, mesmo assim, *Corpo e Sociedade* seria um livro “sub-teorizado”. *A Ascensão do Cristianismo no Ocidente* foi escrito nos anos 1990, no momento em que a Europa estava procurando celebrar os seus sucessos no processo de unificação, e mostra em termos mais gerais, pela versão de Brown, o crescimento do Cristianismo, a decadência do Império Romano do Ocidente e a incorporação dos chamados povos bárbaros.

Também entram em nossa bibliografia Michel Foucault²⁴ e Aline Rousselle²⁵. *A História da Sexualidade* foi possivelmente o último trabalho de Foucault, antes de seu passamento, distribuída em três volumes, dos quais pesquisamos o volume três, por ser aquele em que o pensador francês se deteve nos ritos de controle durante os séculos finais do Império Romano do Ocidente. Há amplo uso dos escritos do médico grego Galeno, que viveu no século III, para demonstrar os cuidados que certa parte da elite romana começou a demonstrar por aqueles dias.

A obra de Rousselle vai por caminho parecido. Esta historiadora francesa também pesquisa os caminhos por onde parte da elite romana se inspirou nos séculos III e IV, para os cuidados com a saúde corporal, a boa geração de filhos, e mesmo para aqueles que buscaram a ascese cristã. Também aqui os escritos do Galeno estão presentes, bem como outras fontes médicas antigas, como, por exemplo, os escritos de Oribase.

Até aqui viemos falando um pouco sobre a História e sobre teoria, fizemos uma pequena revisão bibliográfica. Agora nos voltaremos um pouco ao método para trabalhar com *As Confissões*, de Santo Agostinho.

A fonte principal desta pesquisa é a obra *As Confissões*, de Santo Agostinho, e a metodologia será sua leitura, com um olhar atento para os relacionamentos de Agostinho com as mulheres que aparecem na obra. A obra que está sendo usada para este trabalho pertence a uma coleção que é relançada aproximadamente a cada dois anos, pela Editora Nova Cultural, para venda em bancas de jornal e revistas. A edição é de 1996, mas em 2010 a coleção estava novamente sendo vendida em bancas. Faz parte de uma coleção chamada Os Pensadores. Esta coleção já era vendida em bancas nos anos 1970.

23 VINZENT, Markus. Peter Brown. **Academici Knowledge Networks**. Disponível em <<http://academici.sossoon.net/blog.aspx?bid=3635>>. Acesso em 04/08/2010.

24 FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3 – O Cuidado de Si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

25 ROUSSELLE, Aline. **Pornéia, Sexualidade e Amor no Mundo Antigo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Interpretar documentos para tentar entender o que estes documentos nos dizem sobre o passado é o que historiadores têm feito desde que a História se estruturou enquanto ciência, como já nos diziam Langlois e Seignobos no final do século XIX:

"Analysis and interpretation are thus sufficient for the purpose of drawing up the complete list of those facts which form the basis of the history of the arts, the sciences, or of doctrines." ²⁶

E também:

"'Historical analysis' is no more real than is the vision of historical facts; it is an abstract process, a purely intellectual operation. The analysis of a document consists in a mental search for the items of information it contains, with the object of criticising them one by one. The analysis of a fact consists in the process of distinguishing mentally between its different details (the various episodes of an event, the characteristics of an institution), with the object of paying special attention to each detail in turn; that is what is called examining the different "aspects" of a fact,--another metaphor."²⁷

Cerca de um século depois, é o que continuamos a fazer como diz Carlo Ginzburg, no seu texto sobre “paradigma indiciário”:

“No final do século XIX – mais precisamente, na década de 1870-80 – , começou a se afirmar nas ciências humanas um paradigma indiciário baseado justamente na semiótica. Mas as suas raízes eram muito antigas.”²⁸

Quase um século separam Langlois e Seignobos de Ginzburg. Muitas áreas de interesse foram acrescentadas às pesquisas dos historiadores, mas ler documentos, interpretar o que eles dizem, continua sendo a base de quem quer trabalhar com a História.

26 "Análise e interpretação são, portanto, suficientes para o propósito de levantar a lista completa daqueles fatos que formam a base da história das artes, das ciências, ou das doutrinas". LANGLOIS, Charles Victor; SEIGNOBOS, Charles. **Introduction to the Study of History**. New York: Henry Holt and Company, 1904. Pág. 139.

27 "'Análise histórica' não mais real que a visão dos fatos históricos; isto é um processo abstrato, uma operação puramente intelectual. A análise de um documento consiste em uma busca mental dos itens informativos que ele contém, com o objetivo de criticar um por um. A análise de um fato consiste no processo de distinguir mentalmente entre seus detalhes diferentes[os vários episódios de um evento, as características de uma instituição], com o objetivo de prestar atenção especial em cada detalhe ao redor; isto é o que é chamado de examinar os diferentes 'aspectos' de um fato, --outra metáfora.". Idem. *Ibidem*. Pág. 154.

28 GINZBURG, Carlo. *Sinais – Raízes de um Paradigma Indiciário*. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais – Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Pág. 151. Me parece que quando Ginzburg fala em semiótica ele está pensando em interpretações e significados, uma vez que as sistematizações da semiótica, irão aparecer um pouco mais tarde, com Ferdinand de Saussure. O texto de Ginzburg é tão rico porque demonstra que desde que o ser humano é humano existe ele precisa fazer interpretações sobre o mundo ao seu redor; no início inclusive para sua própria sobrevivência.

Agostinho de Hipona, ou Santo Agostinho, é personagem relativamente bem conhecida, pelo menos em um país de tradição católica como é o caso do Brasil. Várias de suas obras estão traduzidas para a língua portuguesa, sendo as mais conhecidas, as próprias *Confissões*, aqui analisadas, e *A Cidade de Deus*, no qual ele faz uma apologia ao cristianismo a partir de acusações por conta do saque de Roma, pelos visigodos em 410. Pela riqueza de sua obra, Agostinho acabou elevado a “doutor da Igreja”, pela Igreja Católica. Além disso ele viveu nesses tempos interessantes, que marcaram o final do Império Romano do Ocidente. Por conta disso, os estudos sobre Agostinhos se espalham pela teologia, filosofia e história. Peter Brown, na biografia elencada aqui, classifica o estudo de Agostinho de “interminável”²⁹ Ele cita uma compilação de estudos agostinianos que chega ao número de 5.502 títulos publicados, sendo que isto está escrito no prefácio original da obra, de 1966. É provável que outras centenas de títulos tenham sido publicados nestes 45 anos, desde 1966. Mas os estudos sobre Santo Agostinho costumam ter mais ou menos o mesmo enfoque: são estudos que se centram na teologia do Doutor da Igreja, ou na filosofia do homem que fundiu aspectos da filosofia neoplatônica com as Escrituras Cristãs, ou o líder da Igreja (um bispo) que viveu num momento de transição enquanto o cristianismo se consolidava como religião oficial do Império. No caso da nossa bibliografia, é o que vemos na obra de Bryan Magee³⁰. Ali Agostinho é citado como o maior filósofo ocidental entre Aristóteles e o estabelecimento da filosofia medieval. É também o caso de Jay Stevenson³¹ na sua compilação sobre história da filosofia.

A proposta deste trabalho é ler *As Confissões* com um olhar atento para os relacionamentos de Agostinho com as mulheres que aparecem na obra e as afirmações dele a respeito das mulheres, o que difere das abordagens dominantes referidas no parágrafo anterior. A importância desta abordagem reside no fato que suas implicações não se restringem apenas ao próprio Agostinho e sua época, mas também às suas repercussões posteriores, já que Agostinho é uma das maiores referências para a Idade Média e para a formação do pensamento cristão deste período.

Esta abordagem não é algo original. As críticas à obra de Agostinho, e ao seu relacionamento com as mulheres existem. Na nossa bibliografia está, por exemplo a obra *Eunucos pelo Reino de Deus*, da teóloga alemã Uta Ranke-Heinemann³². Este livro está permeado de críticas a Agostinho, críticas estas que pretendemos explorar mais adiante nesta monografia. Jostein Gaarder³³ escreveu uma obra

29 BROWN, Peter. **Santo Agostinho, Uma Biografia**. Rio de Janeiro: Record, 2008. Pág. 10.

30 MAGEE, Bryan. **História da Filosofia**. São Paulo: Edições Loyola, 2000. Pág. 50.

31 STEVENSON, Jay. **O Mais Completo Guia sobre Filosofia**. São Paulo: Mandarim, 2001.

32 RANKE-HEINEMANN, Uta. **Eunucos pelo Reino de Deus**. Rio de Janeiro: Record / Rosa dos Tempos, 1996.

33 GAARDER, Jostein. **Vita Brevis: A Carta de Flória Emília para Aurélio Agostinho**. São Paulo: Companhia das

de ficção que é uma carta da concubina de Agostinho endereçada a ele questionando tantas das atitudes e opiniões que o teólogo teve. Já houve pelo menos uma acadêmica³⁴ do curso de História da UFRGS que abordou este assunto. E também temos uma obra de caráter claramente apologético a respeito do relacionamento de Agostinho e sua concubina³⁵.

Mas, de qualquer maneira, penso que podemos ter novas perspectivas e interpretações sobre como uma figura tão importante se relacionou com o sexo feminino.

Letras, 1997. O filósofo Gaarder foi famoso nos anos 1990 pelo livro *O Mundo de Sofia*, que era uma história da filosofia em forma de uma narrativa ficcional.

34 RODRIGUES, Maria Denise. **Mulher, a Pecadora: Análise da Relação entre a Figura Feminina e o Pecado nas Confissões de Santo Agostinho**. Porto Alegre: UFRGS, 1997. Monografia.

35 ESTAL, Gabriel del. **Santo Agostinho e sua Concubina de Juventude**. São Paulo: Paulus, 1999. Apologética, isto é, neste caso uma obra que defende a atitude tomada por Agostinho, com relação à sua concubina.

Antiguidade Tardia

Antiguidade Tardia é um conceito histórico cuja temporalidade se situa aproximadamente entre os séculos III e VI da era cristã, nos anos finais do Império Romano do Ocidente, tendo por base geográfica o mesmo Império Romano. Em sua obra *A Ascensão do Cristianismo no Ocidente*, Peter Brown enfoca tanto o período de alguns anos antes, quanto de alguns anos depois³⁶. O professor Waldir Oliveira situa seu início precocemente no governo de Marco Aurélio³⁷, que governou entre cerca de 160 e 180 da Era Cristã.

Numa obra bastante recente, em um artigo que busca relacionar os estudos sobre o final da Idade Antiga e o início da Idade Média, desde a consolidação dos estados nacionais europeus no final do século XIX até os estudos deste início do século XXI, Marcelo Cândido da Silva³⁸ faz um mapeamento dos estudos a respeito deste período final do Império Romano do Ocidente. Ele chega ao número de 210 teses e dissertações tendo como tema este período espaço-temporal específico. O tema “A Queda do Império Romano” é um tema que continuamente atíça a curiosidade de pessoas

36 Na verdade Peter Brown é bastante flexível quanto a isso. No texto produzido para o a coleção História da Vida Privada (ver BROWN, Peter. *Antiguidade Tardia*. In: VEYNE, Paul. *História da Vida Privada – Volume 1: Do Império Romano ao Ano Mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Pág. 226), ele usa desde o reinado do Imperador Marco Aurélio até o final do reinado de Justiniano em Constantinopla (cerca de 565). Já no livro *A Ascensão do Cristianismo no Ocidente*, ele só coloca um final para a Antiguidade na formação do Império Carolíngio, no século VIII (BROWN, Peter. *A Ascensão do Cristianismo no Ocidente*. Lisboa: Editorial Presença, 1999. Pág. 251).

37 OLIVEIRA, Waldir Freitas. *A Antiguidade Tardia*. São Paulo: Ática, 1990. Pág. 9. Embora Oliveira coloque o início da Antiguidade Tardia no século III, ou seja, com a chamada dinastia dos Severos, começando por Septímio, ou Sétimo, Severo (cerca de 193), ele inicia sua reflexão comentando o governo de Marco Aurélio, e seu filho e sucessor, Cômodo.

38 SILVA, Marcelo Cândido da. *A Alta Idade Média entre os séculos XIX e XX: da Nação à Etnogênese*. In: PEREIRA, Nilton Mullet; ALMEIDA, Cybele Crossetti de; TEIXEIRA, Igor Salomão (Orgs.). **Reflexões sobre o Medieval**. São Leopoldo: Oikos, 2009. Pág. 15.

Silva cita Peter Brown e H.I. Marrou em seu artigo. Também cita Paul Veyne, mas Paul Veyne em prefácio para uma obra de Peter Brown (pág. 17). Silva também cita B. Ward-Perkins, obra de 2005 que retoma a ideia de “decadência” do Império Romano e da Idade Média como “período de trevas”. Não tivemos acesso à obra de Ward-Perkins, mas a ideia de decadência é recorrente em Rostovtzeff (ROSTOVITZ, M. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983). Lot (LOT, Ferdinand. **O Fim do Mundo Antigo e o Princípio da Idade Média**. Lisboa: Edições 70, s.d.) também mostra uma certa ideia de decadência, mas enfatiza as transformações que o Império Romano enfrentou em decorrência da ascensão do Cristianismo.

Silva não citou os trabalhos de MacMullen (MACMULLEN, Ramsay. **Christianity & Paganism in the Fourth to Eighth Centuries**. New Haven/London: Yale University Press, 1997; e MACMULLEN, Ramsay. **Christianizing the Roman Empire A.D. 100-400**. New Haven/London: Yale University Press, 1984.).

Como foi dito, o artigo de Silva busca relações entre as narrações da Antiguidade Tardia e os estados europeus. Na sequência de seu artigo, Silva comentará a respeito dos “bárbaros”, um assunto de certa complexidade haja visto que se “bárbaro” significou algo pejorativo tempos atrás, hoje já não é necessariamente pejorativo (ver a nota de rodapé mais abaixo). Além disso, os povos chamados bárbaros estão na base das atuais identidades de alguns estados europeus. A França associa a sua origem em parte aos antigos francos (também a associa aos antigos gauleses anteriores à Roma Antiga também, a propósito). Hoje nós chamamos à Alemanha assim, na língua portuguesa, em parte por associação a uma antigo povo chamado de “almanos”. E há uma região na Itália que é chamada de Lombardia, justamente porque aí se assentou um povo chamado “lombardos” no final do século VI.

que gostam de História, sejam historiadores profissionais ou não.

A questão das referências é sempre algo discutível. Lembro que quando estava no ensino fundamental eu tinha uma professora que sempre traçava linhas de tempo no quadro. Havia uma separação muito exata para os períodos de tempo, ou as “idades”. A partir do ano 2.000 a.C. começava a Idade Antiga, antes disso existia a Pré-História. Em 476, com o fim do Império Romano do Ocidente, a Idade Antiga tinha fim e iniciava a Idade Média. Em 1453 com a queda de Constantinopla nas mãos dos turcos, isto é, com o fim do Império Romano do Oriente, terminava a Idade Média, e iniciava a Idade Moderna. E em 1789, com a Revolução Francesa, tinha fim a Idade Moderna, e início da Idade Contemporânea. Essas minhas lembranças são do final dos anos 1970. Foi um tempo em que as datas e os nomes de personagens importantes eram ainda mais valorizados que hoje em dia. O historiador Eric Hobsbawn, num contraexemplo, escreveu uma série de livros, e também dividiu períodos de tempo em “eras”, mas no caso de Hobsbawn, ele inicia sus pesquisas em história no ano de 1789 (Revolução Francesa), justamente o ano que seria o início da Era Contemporânea, segundo o que me foi ensinado na educação básica, e termina no ano de 1991 (fim da União Soviética)³⁹. Penso que atualmente tamanha precisão a respeito de datas não seja tão necessária, embora as datas tenham a sua importância. Estas divisões tempo-espaciais são sistematizações que historiadores e outros estudiosos de ciências humanas usam para tentar melhor analisar e compreender os fatos.

Para as pessoas que viveram nesses períodos não houve esta demarcação, em que um evento qualquer é sinal de fim de uma era, e início de outra. Estas periodizações são modelos que os historiadores utilizam para melhor poder analisar seus objetos de estudo. Em 476 ninguém pensou “Rômulo Augusto foi deposto do trono do Império, isto é o fim da Idade Antiga”. Se formos pensar nos eventos daqueles anos, desta Antiguidade Tardia, talvez o sítio, e posterior saque de Roma, pelos visigodos de Alarico, em 410, tenha sido um evento mais traumático do que a deposição do imperador do ocidente sessenta e seis anos mais tarde⁴⁰. Afinal, por um lado, desde as Guerras

39 Os livros de Eric Hobsbawn se chamam *A Era das Revoluções 1789-1848*, *A Era do Capital 1848-1875*, *A Era dos Impérios 1875-1914* e *A Era dos Extremos 1914-1991*. Hobsbawn é um autor profícuo, que tem muitas outras obras publicadas, mas estas em especial se apresentam como síntese de história mundial contemporânea, e têm periodicidade didaticamente estabelecida por datas e eventos que o autor achou especialmente marcantes.

40 “Quando o líder visigodo Alarico capturou a cidade de Roma em 410, o império inteiro foi abalado. Jerônimo escreveu de Belém: 'Roma, conquistadora do mundo, caiu cativa' (C). Embora Alarico fosse um cristão (ariano) tomando uma cidade cristã (católica), a sensação foi de presságio de que a estrutura do mundo erigido pela Roma pagã estava se desintegrando. Os pagãos alegaram que os cristãos tinham destruído a maior realização humana já concebida. Os próprios cristãos, que haviam se gabado de salvar o que quer que fosse bom na civilização antiga, erguendo-o a novas alturas, sofreram, então, uma crise de confiança. Os católicos de Roma e das proximidades, inseguros de seu destino sob o domínio ariano, afluíram em massa à África, levando notícias da falência no centro dos acontecimentos (apesar de os dois imperadores cristãos, do leste e do oeste, ainda governarem de suas cortes em

Púnicas, uns quinhentos anos antes, Roma não era ameaçada por um exército “estrangeiro”, como os “bárbaros” visigodos⁴¹; por outro lado, se em 476 o imperador do Ocidente foi deposto, em Constantinopla ainda havia um imperador do Império Romano⁴².

Como foi dito, quando pensamos em Antiguidade Tardia, ficamos restritos geograficamente à Roma Antiga, e seu Império. A este propósito, alguns autores trabalhando com este período espaço-temporal, usarão o termo “Baixo Império”⁴³ para este período de 300 a 200 anos que precede o final da porção ocidental do Império Romano (analogamente a ser chamada de “Baixa Idade Média” os cerca de 300 anos finais do período que chamamos de Idade Média). A partir do final do século II, alguns acontecimentos importantes tiveram lugar aí: o fim das expansão e das conquistas territoriais de Roma, o crescimento da religião cristã, as mudanças na estrutura do poder político em Roma, e a construção de uma “Nova Roma”, isto é, Constantinopla.

A expansão territorial romana conheceu seu ápice com Trajano (imperador entre 98 e 117)⁴⁴. Este imperador conquistou a região da Dácia, levando o exército romano para a margem leste do rio Danúbio. A leste, ele submeteu o reino nabateu, e se envolveu em guerras com os partos⁴⁵, conquistando a estes o reino da Armênia, e ocupando a Mesopotâmia, transformada em província romana. Seu sucessor foi Adriano (que governou entre 117 e 138)⁴⁶. Adriano recuou de algumas conquistas de seu antecessor, abandonando a Mesopotâmia no oriente, e voltando para a margem ocidental do rio Danúbio na região dos Bálcãs. Além desse abandono de territórios, começou a fortificar os lugares onde decidiu sedimentar as fronteiras do império⁴⁷. Os limites estabelecidos por

Ravenna e Constantinopla.)”

Esta a descrição de Gary Wills (WILLS, Gary. **Santo Agostinho**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999. Pág. 120).

41 Uma explicação sobre as aspas em “estrangeiro” e “bárbaro”: em 410, já havia mais de 200 anos que exércitos de povos que habitavam as fronteiras do Império Romano (o *limes*) eram incorporados como corpos auxiliares do exército romano, e os romanos tendiam a chamar qualquer povo que não fosse romano de bárbaro. Bárbaro não tem nenhum sentido pejorativo, de “coisa inferior”, mas se tornou tão associado às tribos que começaram a penetrar no território do Império, já a partir do século II que é praticamente impossível que não seja utilizado, mas é sempre melhor usar de notas explicativas de contexto. Também neste sentido, é o livro didático de Maria de Lourdes Guerra, **Os Povos Bárbaros**; São Paulo: Ática, 1987; em que todas as menções a “bárbaros” vem entre aspas (até porque o formato do livro didático não utiliza o pé de página).

42 A propósito, esta foi a justificativa do general “bárbaro” Odoacro, quando da deposição de Rômulo: um imperador, soberano tanto do oriente quanto do ocidente, seria suficiente. RÉMONDON, Roger. **La Crisis del Imperio Romano; de Marco Aurelio a Anastacio**. Barcelona: Editorial Labor, 1984. Pág. 139.

43 Por exemplo, Ferdinand Lot (LOT, Ferdinand. **O Fim do Mundo Antigo e o Princípio da Idade Média**. Lisboa: Edições 70, s.d.. Pág. 163), ou Emilio Cabrera (CABRERA, Emilio. **Historia de Bizancio**. Barcelona: Editorial Ariel, 1998. Pág. 30).

44 ROSTOVTZEFF, M. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. Pág. 209.

45 Os partos podem ser considerados sucessores dos persas, pois viviam na região a leste do rio Tigre, entre cerca de 200 a.C. E 224 d.C. (Irã. In: **Grande Enciclopédia Larousse Cultural**. São Paulo: Nova Cultural, 1998. V. 13, p.3217 – 3222).

46 ROSTOVTZEFF, M. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. Pág. 209.

47 “Este Império Romano estava cercado por um anel de fortalezas militares, na Grã-Bretanha, no Reno, Danúbio e Eufrates, na Arábia, Egito e África.” (ROSTOVTZEFF, M. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Zahar Editores,

Adriano seriam os limites do império pelos próximos trezentos anos.

O fato de fronteiras se estabilizarem e das guerras de conquista terem um fim terá consequências para Roma. Desde suas origens lendárias, Roma se notabilizou pela expansão territorial. Afinal, de cidade-estado antiga, ela consolidou o domínio na região central da península Itálica, depois por toda a península. Dominada a península, a expansão continuou pela bacia do Mediterrâneo, com as Guerras Púnicas contra Cartago, a conquista da Gália (ou seja, a região que hoje pertence à França) e da Grã-Bretanha, e, em direção ao Oriente, submeteu a Grécia, a Síria e Palestina, e o Egito. Todas estas conquistas haviam resultado em saques e tributos que fluíam para enriquecer Roma. Além disso, muito povos submetidos à força foram tornados escravos, tanto domésticos, quanto para o trabalho rural. Com o fim das guerras de conquista e estabilização de fronteiras, este fluxo de riquezas e escravos se reduz sensivelmente, ou simplesmente acaba⁴⁸, o que acabará por trazer crescente debilidade econômica a este estado antigo, pois as despesas para administrar tal estado continuam existindo, embora os meios para financiá-lo tenham diminuído. E o fim do fluxo de escravos vai gerar escassez de mão-de-obra para os latifúndios dos grandes proprietários de terra de Roma.

Também afetará Roma a partir do século II, de uma maneira mais aguda a anarquia militar. Na história de Roma, a guerra civil sempre foi uma constante⁴⁹. Mas durante o período de ascensão de Roma, havia as guerras de conquista, que uniam os romanos em torno do mesmo interesse, e havia o escrúpulo de tentar fazer com que o poder militar fosse submisso ao poder civil⁵⁰. A partir do século II, o poder civil representado pelo Senado, vai se tornando cada vez menos relevante para o governo do Império Romano, e em contrapartida, o exército, através de suas legiões, vai se

1983. Pág. 211). . A “Muralha de Adriano” foi parte desse esforço defensivo. Ela ainda existe parcialmente na ilha da Grã-Bretanha, sendo inclusive uma atração turística, e originalmente cortava a ilha de leste a oeste (**Ancient History in depth: Hadrian's Wall Gallery**. BBC.).

48 “Com o encerramento final das fronteiras imperiais depois de Trajano, o poço dos cativos de guerra inevitavelmente secou” (ANDERSON, Perry. **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000. Pág. 73, 74).

49 Nas narrativas que podemos ler na obra de Rostovtzeff, a guerra civil vem como consequência das guerras de conquista: como será dividido o butim? Parte das terras tomadas aos povos conquistados será dividida em pequenas propriedades para os pequenos proprietários, ou serão dadas grandes extensões àqueles que já são latifundiários? Os conflitos envolvendo Mário e Sila, no final do século II a.C. são sobre isso (ver ROSTOVITZEFF, M. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. Capítulo 10, pág. 107 a 118.). Pouco tempo depois haverá o embate entre César e Pompeu, sob o mesmo pano de fundo, disputas sobre partilhas de terras, e preeminência entre os magistrados, isto é, sobre a liderança em Roma (ROSTOVITZEFF, M. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. Capítulo 11, pág. 119 a 133).

50 Este é o sentido quando se usa a expressão de “atravessar o Rubicão”. O Rubicão era um rio, ou riacho, além do qual as legiões, isto é, o poder militar, não poderia ir, pois quem entrasse em Roma liderando tropas estaria forçando o exercício do poder sob força militar, e não sob o consenso político possível em Roma naqueles dias (século I a.C.). ROSTOVITZEFF, M. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. Pág. 131.

tornando o poder capaz de levantar e depor imperadores. Sobre este período, temos uma citação de Sétimo Severo, endereçada a seu filho e sucessor: “enriquecei os soldados e zombai do resto”⁵¹. Ora, estas legiões estavam espalhadas ao longo das diversas fronteiras do Império, conforme a vizinhança oferecesse maior risco à integridade territorial. E por conta desse alastramento espacial, havia momentos em que legiões de regiões diferentes resolviam eleger um imperador diferente, normalmente o seu comandante. Rostovtzeff narra desta forma, uma crise que sucedeu à morte de Cômodo (imperador de 180 a 192):

“Os exércitos das províncias, aproveitando-se da morte de Cômodo, elevaram seus favoritos ao poder. O Senado elegeu M. Hélio Pertinax para o trono vago, esperando que ele pudesse restaurar a tradição dos Antoninos. Mas Pertinax foi logo assassinado pela guarda pretoriana, inteiramente corrompida pela indulgência de Cômodo, e que em seguida vendeu a sucessão a Dídio Juliano, rico senador. Os exércitos provinciais se recusaram a aceitar o ditame dos pretorianos, e Lúcio Septímio Severo, comandante dos exércitos da Panônia, no Danúbio, a pretexto de vingar Pertinax, marchou sobre Roma com seus ilírios e trácios, adiantando-se a seus dois possíveis rivais, Clódio Albino e Pescênio Níger, que comandavam poderosos exércitos na Grã-Bretanha e Síria. (...)”⁵²

O século II da Era Cristã se inicia dessa maneira como um prenúncio daquilo que irá ocorrer na sua sequência. Alguns poucos imperadores que conseguiram reinar por um pequeno período de tempo e outros que duraram, por vezes, menos de um ano. Por exemplo, confira esta narrativa de Rostovtzeff, para o que sucedeu à morte de Alexandre Severo, ele mesmo morto pelos soldados, enquanto combatia na fronteira do Reno:

À morte de Alexandre⁵³ seguiu-se um colapso total. O império tornou-se joguete dos soldados. Os diferentes exércitos, um após o outro, proclamavam seus comandantes imperadores, depondo-os ao menor pretexto, e usavam sua força para saquear sem piedade as pacíficas províncias. Entre 235 e 285 de nossa era, houve 26 imperadores romanos, dos quais apenas um teve morte natural⁵⁴.

O império passaria por uma reorganização no final deste século, quando Diocleciano (imperador entre 284 e 304⁵⁵) foi elevado ao cargo de imperador. Conforme Ferdinand Lot⁵⁶, o clima de crise

51 ROSTOVITZEFF, M. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. Pág. 254.

52 ROSTOVITZEFF, M. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. Pág. 254. Este é apenas um exemplo. Outras crises parecidas acontecerão no decorrer do século III. Em parte, é por conta desta crise que o início da chamada Antiguidade Tardia é colocada por alguns autores como após o reinado de Marco Aurélio.

53 Neste caso, Alexandre Severo, ou Severo Alexandre, imperador entre 222-235, conforme o mesmo Rostovtzeff (ROSTOVITZEFF, M. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. Pág. 305).

54 ROSTOVITZEFF, M. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. Pág. 256.

55 ROSTOVITZEFF, M. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. Pág.305.

56 LOT, Ferdinand. **O Fim do Mundo Antigo e o Princípio da Idade Média**. Lisboa: Edições 70, s.d.. Pág. 26.

continua no decorrer do século II poderia ser uma manifestação de que a administração do império se tornara uma coisa grande demais para um homem só. É assim que Diocleciano instituirá uma divisão de poderes, chamando para ajudá-lo a governar um colega de armas, Maximiano, formando assim uma diarquia, ou governo de dois. A diarquia evolui para uma tetrarquia (governo de quatro pessoas), com outros dois para ajudar a governar e defender o império. A tetrarquia foi uma espécie de governo colegiado, mas entre os quatro imperadores sempre houve uma hierarquia. O maior entre eles seria o próprio Diocleciano. Ele e o seu igual, Maximiano, ambos teriam a dignidade imperial de “Augustos” e a patronagem divina de Júpiter. Sob estes dois haveria outros dois imperadores, Constâncio Cloro e Galério, estes com a dignidade imperial de “Césares” e a patronagem divina de Hércules. O sistema inclui um modo de sucessão, segundo o qual após 20 anos Diocleciano e Maximiano deixariam o poder, e os Césares seriam elevados à condição de Augustos, e tomariam outros dois Césares.

A reorganização foi além da suprema liderança do Império. O Império foi dividido em 101 províncias, que foram agrupadas em 7 dioceses como agrupamento de províncias⁵⁷. Diocleciano também impôs uma extrema regulamentação sobre o modo de vida de cada cidadão do império. Ferdinand Lot afirma que tal reorganização social acabou por impor um regime de castas sobre a população do Império Romano⁵⁸. Basicamente, as regulamentações de Diocleciano, e que foram mantidas por seus sucessores, vão sedimentar os papéis sociais da população. Assim, artesãos urbanos, como os armeiros, ficariam toda a sua vida presos à sua profissão, não poderiam mudar de pensamento e tentar se tornarem pedreiros, por exemplo. Seus filhos, e seus netos continuariam sempre na atividade de armeiros. No mundo rural, os colonos serão fixados à terra onde trabalham, seja em em pequenas propriedades, associados com seus vizinhos de aldeia, seja como trabalhadores de um grande proprietário de terras, com leis que lhes impediam de mudar para as cidades, ou mesmo mudar da região em que nasceram, e onde trabalhavam a terra. Como os trabalhadores urbanos, seus descendentes estavam condenados a também serem colonos na terra em que nasceram. Regulamentações semelhantes recaíram sobre parte do exército, bem como sobre os funcionários civis da administração imperial.

Todas estas medidas se destinavam a dar estabilidade social ao Império, que como vimos, sofreu profundas crises, a partir do final do século II da Era Cristã.

57 ROSTOVITZEF, M. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. Pág. 268.

58 LOT, Ferdinand. **O Fim do Mundo Antigo e o Princípio da Idade Média**. Lisboa: Edições 70, s.d.. Pág. 97.

Um outro fator importante de mudança social no Império Romano a partir do final do século II, foi a religião cristã.

A religião cristã não é a única religião de origem oriental⁵⁹ a “invadir” as porções ocidentais do Império, inclusive sua capital. À medida em que Roma estendia seus domínios para o Levante, ainda antes do início da Era Cristã, é natural que as religiões existentes ali começassem a influenciar os romanos que se estabeleciam nestas regiões. Além disso, novas rotas de comércio e a logística associada ao deslocamento de tropas e de representantes civis do governo de Roma no oriente também contribuíram para levar estas influências religiosas para a capital do império em expansão. Em um texto em que discute a origem do povo judeu, Shlomo Sand⁶⁰ afirma que, já por volta do século II a.C., a religião judaica assume caráter proselitista, convertendo povos de regiões próximas da Palestina, que estão além do território associado à Palestina judaica desse tempo, e com as facilidades da unidade política proporcionada por Roma, a religião judaica é levada para regiões distantes da Palestina, incluindo a capital do império.

E houve o caso do imperador Heliogábalo (imperador entre 218-222)⁶¹, de origem síria, que acabou imperador em Roma entre a dinastia dos Severos. Mesmo tendo sido sagrado imperador, Heliogábalo exerceu o sacerdócio de sua religião síria, de adoração ao sol, convivendo com o patriciado romano.

Henri Marrou afirma que estaria havendo uma mudança de mentalidade entre os homens que viviam às margens do Mediterrâneo durante este século II da Era Cristã⁶². Ou pelo menos, é assim que Marrou entende, a partir de certas declarações na literatura disponível daquele período, comparando com um período anterior. Para tanto, Marrou compara a expressão religiosa do senador Marco Túlio Cícero (106 a.C.- 43 a.C.), diante da morte de sua filha, com autores do século II e III, em especial Plotino, que é o exemplo consagrado do neoplatonismo. Segundo Marrou, Cícero expressaria diante da dor da morte de sua filha uma certa religiosidade difusa, e sem muitas perspectivas⁶³, enquanto os autores dos séculos II e III já estariam expressando uma esperança para

59 “Origem oriental” aqui significa original da bacia oriental do Mar Mediterrâneo – Egito, Síria-Palestina, Mesopotâmia, e limite no planalto iraniano.

60 SAND, Shlomo. Como surgiu o povo judeu? **Le Monde Diplomatique Brasil**. São Paulo, 08/09/2008. Disponível em <<http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=407>>. Acesso em 17/06/2010.

61 ROSTOVITZ, M. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. Pág.255, 256.

62 Ver MARROU, H.-I. **Decadência Romana ou Antiguidade Tardia?** Lisboa: Editorial Aster, 1979. Pág.23-24, 40-48.

63 As exatas palavras de Marrou são “uma fé incerta e tímida na heroização e na imortalidade” (MARROU, H.-I. **Decadência Romana ou Antiguidade Tardia?** Lisboa: Editorial Aster, 1979. Pág.23).

além desta vida de uma forma mais objetiva, se é que se pode chamar assim, mas uma certa esperança muito mais forte de vida além desta vida. E uma tal crise material e atmosfera intelectual teriam favorecido a difusão do cristianismo durante a Antiguidade Tardia.

O cristianismo se tornou a religião que veio a prevalecer, vindo a ser uma das bases da identidade da Europa. O cristianismo, através de seus livros sagrados, se pretende uma religião histórica, no sentido de que seu fundador, e seus seguidores, existiram em algum ponto da história dos homens. Não é por outro motivo que o Evangelho de Lucas inicia com uma espécie de mensagem destinada a certo Teófilo, em que ele, Lucas, ou quem quer que seja o autor do livro, informa que realizou acurada investigação para os fatos que irá narrar em seguida⁶⁴. A seguir fala do nascimento de João Batista, tomado como precursor de Jesus, e que a concepção de João Batista se dera enquanto Herodes era rei da Judeia⁶⁵. Depois, quando fala do nascimento de Jesus, informa que César Augusto era imperador, e Quirino governador da Síria. E no capítulo 3, quando fala do início da pregação de João Batista, informa que tal pregação começou no décimo quinto ano de reinado de Tibério, quando Pôncio Pilatos era governador da Judeia, Herodes era tetrarca da Galileia, e Filipe, irmão de Herodes, tetrarca da Itureia e Traconites, e Lisânias era tetrarca de Abilene. Informa ainda que naquele período Anás e Caifás eram sumo-sacerdotes do templo⁶⁶. Ao mesmo Lucas é atribuído o livro dos Atos dos Apóstolos. O livro de Atos dos Apóstolos pode ser descrito como uma narrativa que conta a história dos discípulos de Jesus, para além do desaparecimento do Mestre. É uma narrativa que busca explicar a expansão do cristianismo, desde a Palestina até Roma, no coração do império, com ênfase em dois personagens principais, os apóstolos Pedro e Paulo. Por se centrar em dois personagens principais, tal narrativa não tenta criar uma história abrangente da expansão do cristianismo. Quem se der ao trabalho de ler o livro dos Atos dos Apóstolos verá que muita coisa foge ao autor. Num primeiro momento Pedro, e no momento seguinte Paulo são os personagens que se sobressaem, mas muito mais coisas estão ocorrendo ao redor. No livro de Atos não há referências tão precisas a governantes, como no Evangelho de Lucas, que cita Augusto e Tibério, mas autoridades menores continuam a ser citadas, como governadores, comandantes militares e pro-cônsules. E o livro de Atos possui outra peculiaridade: em certo ponto da narrativa, o autor se inclui entre os fatos narrados⁶⁷, isto é, o narrador se coloca como testemunha ocular daquilo que é contado. Desde esses tempos de origem, a história do desenvolvimento e expansão do cristianismo sempre será escrita por pessoas ligadas à própria religião. E na virada do século II para o III, a religião

64 Evangelho de Lucas 1:1-4. In: **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Edições Paulinas, 1986. Pág. 1926.

65 Evangelho de Lucas 1:5. In: **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Edições Paulinas, 1986. Pág. 1926.

66 Evangelho de Lucas: 3:1-3. In: **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Edições Paulinas, 1986. Pág. 1933.

67 A partir do capítulo 20. Atos dos Apóstolos: 20:13. In: **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Edições Paulinas, 1986. Pág. 2089.

cristã já possui número importante de seguidores espalhados pelo território do Império Romano.

Se na virada do século II para o III a religião cristã já possui um número importante de seguidores no território do Império, ela continuará crescendo no século IV, beneficiada pelo Edito de Milão, pelo qual os imperadores Constantino e Licínio concordam em que os cristãos possam exercer sua fé livremente⁶⁸. Desde o seu surgimento até o Edito de Milão a religião cristã sofreu perseguições, mas estas perseguições não foram nem sistemáticas, nem abrangentes. A primeira perseguição amplamente divulgada, atribuída a Nero no primeiro século da Era Cristã, e na qual teriam perecido os apóstolos Pedro e Paulo, ficou restrita à cidade de Roma e arredores, na qual Nero teria se aproveitado das antipatias que um pequeno grupo obscuro de uma religião desconhecida podia gerar, para achar um culpado pelo incêndio de Roma⁶⁹. Posteriormente, à medida que a religião cristã cresce, alguns imperadores tentam restringi-la em alguns momentos. É bem possível que os governantes do Império estivessem tão envolvidos com o fortalecimento das fronteiras e com as lutas intestinas que não pudessem aplicar suas energias em reprimir a nascente religião⁷⁰. Peter Brown cita alguns destes eventos, em 250 e 257, mais um edito de Diocleciano em 303, que teria sido “A Grande Perseguição”, para os cristãos que viveram naquela época⁷¹. Também foi a última. Os sucessores de Diocleciano passaram a maior parte do seu tempo guerreando entre si, em busca da maior parte de poder sobre o Império, e pouco tempo depois veio o Edito de Milão⁷². No final do

68 Constantino e o Edito de Milão são um tópico capaz de gerar muitas pesquisas em História, afinal é tido como o marco de liberdade para os cristãos no Império Romano. Mais de um dos autores desta pesquisa se detém sobre o assunto. Talvez o mais extenso seja Justo L. Gonzalez, em ambas as obras que compõem neste trabalho (GONZALEZ, Justo L. **Uma História Ilustrada do Cristianismo – Volume 1: A Era dos Mártires**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1980. Pág. 172-177; GONZALEZ, Justo L. **Uma História Ilustrada do Cristianismo – Volume 2: A Era dos Gigantes**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1980. Pág. 15-46). Ferdinand Lot também faz uma discussão relativamente longa sobre Constantino, o Império e a Igreja (LOT, Ferdinand. **O Fim do Mundo Antigo e o Princípio da Idade Média**. Lisboa: Edições 70, s.d.. Pág. 38-59). E, por fim, podemos citar Ramsay MacMullen (MACMULLEN, Ramsay. **Christianizing the Roman Empire A.D. 100-400**. New Haven/London: Yale University Press, 1984. Pág. 43-51). De maneira geral, estes autores, bem diferentes uns dos outros, tendem a afirmar que Constantino não teria tido a iniciativa de legalizar o Cristianismo como uma maneira de adquirir uma maior base social para suas aspirações à direção do Império, relembram que o imperador só se deixou batizar em seu leito de morte, embora desde que conseguiu o poder praticamente absoluto no Império, viesse intervindo nos negócios da Igreja Cristã. Gonzalez ainda lembra duas outras coisas relevantes: Galério, um dos pretendentes ao governo do Império após a renúncia de Diocleciano e anterior perseguidor dos cristãos, lançou um edito de tolerância nos territórios sob seu domínio cerca de um ano antes do Edito de Milão. Por outro lado, Licínio, coautor com Constantino do Edito de Milão, e imperador sobre a metade oriental do território romano, em alguns momentos teve que intervir em disputas entre facções cristãs sob seu domínio.

Por outro lado, Peter Brown informa que no Reino da Armênia, os cristãos já gozavam de liberdade de culto desde o século III, quase cem anos antes do Edito de Milão (BROWN, Peter. **A Ascensão do Cristianismo no Ocidente**. Lisboa: Editorial Presença, 1999. Pág. 21-25). O Reino da Armênia nesse tempo ficava nos limites orientais do Império Romano, e era tributário de Roma.

69 GONZALEZ, Justo L. **Uma História Ilustrada do Cristianismo – Volume 1: A Era dos Mártires**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1980. Pág. 52-58.

70 OLIVEIRA, Waldir Freitas. **A Antiguidade Tardia**. São Paulo: Ática, 1990. Pág. 24.

71 BROWN, Peter. **A Ascensão do Cristianismo no Ocidente**. Lisboa: Editorial Presença, 1999. Pág. 41.

72 ROSTOVITZ, M. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. Pág. 272.

século IV, um novo imperador, Teodósio (imperador entre 379 e 395), irá tornar o cristianismo a religião oficial do Império⁷³.

Se o cristianismo só se torna a religião oficial do Império no reinado Teodósio, já desde o momento em que ele é regularizado (312, 313), e, principalmente depois que Constantino se torna o único soberano sobre o Império (324), as relações entre Império e Igreja tendem a crescer, com o clero sendo incorporado ao funcionalismo imperial, e a Igreja recebendo isenções de impostos, bem como doações, tanto do Estado, quanto da pessoa do Imperador. Por outro lado, o Império chama a si a responsabilidade por estabelecer a paz dentro da Igreja. Sim, pois, afinal, quando se abriu a oportunidade para a regularização do cristianismo dentro do Império, junto com a regularização vieram as lutas intestinas dentro do cristianismo. Já comentamos, em uma nota de rodapé, que o imperador Licínio teve que intervir em lutas de facções cristãs, dentro de seu território de administração depois do Edito de Milão.

Em 325, solitário soberano de todo o Império, Constantino convocou toda a Igreja a Niceia, cidade da Ásia Menor, não muito longe de Constantinopla, para dirimir a principal cisão do cristianismo de então, entre o que passou à história como ortodoxia e a chamada heresia ariana. O arianismo deve seu nome a Ário, presbítero de Alexandria, que foi seu principal defensor⁷⁴. A questão era basicamente em torno do caráter de Cristo: seria Ele participante da natureza divina, existente desde sempre com Deus Pai, ou seria uma criatura, criatura sobre todas as outras, mas que teve uma origem, sendo, portanto, inferior a Deus Pai? A questão aparentemente mobilizava as lideranças da Igreja na parte oriental do Império, e ambas as facções brandiam seus argumentos. Ao final deste concílio prevaleceu a posição ortodoxa⁷⁵.

73 OLIVEIRA, Waldir Freitas. **A Antiguidade Tardia**. São Paulo: Ática, 1990. Pág. 71.

74 GONZALEZ, Justo L. **Uma História Ilustrada do Cristianismo – Volume 2: A Era dos Gigantes**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1980. Pág. 90-91.

75 Normalmente as coisas não são simples assim. Convoca-se um concílio, debate-se as posições, vota-se, o vencedor proclama sua vitória, o derrotado aceita o resultado e se retrai. Ferdinand Lot informa que talvez o arianismo tenha sido condenado em parte porque seu principal defensor era um presbítero, enquanto os campeões da ortodoxia eram bispos. Lot diz que um homem autoritário como Constantino não veria com bons olhos a vitória de um homem de grau inferior na hierarquia da Igreja (LOT, Ferdinand. **O Fim do Mundo Antigo e o Princípio da Idade Média**. Lisboa: Edições 70, s.d.. Pág. 50-51). Lot, nestas mesmas páginas, lembra que Constantino só se deixou batizar no seu leito de morte, e, ironicamente, por um bispo com posições próximas à do Arianismo, Eusébio de Nicomédia. Quando Constantino morreu, seus dois filhos foram elevados à glória imperial, Constâncio e Constante. O primeiro na parte oriental, o segundo na ocidental, sendo que após a morte deste, o império foi unificado sob o poder de Constâncio. Constâncio era ariano, e tentou fazer prevalecer sua posição teológica sobre todo o cristianismo do império. Mas então Constâncio também morreu, e o Império foi parar nas mãos de Juliano, sobrinho de Constantino, e que professava um neopaganismo. Após um breve reinado, também Juliano morrerá. Haverá mais quatro imperadores num breve intervalo até que Teodósio venha a reinar e estabelecer de vez a ortodoxia. Conforme a cronologia de Oliveira (OLIVEIRA, Waldir Freitas. **A Antiguidade Tardia**. São Paulo: Ática, 1990. Pág. 71). Para uma versão da controvérsia ariana neste século IV, ver o capítulo “A controvérsia ariana e o Concílio”, na obra de Gonzales (GONZALEZ, Justo L. **Uma História Ilustrada do Cristianismo – Volume 2: A Era dos Gigantes**. São

O cristianismo foi crescendo enquanto o Império ia “envelhecendo”, de maneira que temos a impressão que o primeiro crescia concomitantemente à decadência do segundo. Pode ser um engano pensar assim. Já comentamos anteriormente que quando o último imperador do ocidente foi deposto, ainda havia um imperador no oriente, reinando em Constantinopla. De maneira que há uma certa ideia de continuidade naqueles anos finais do Império Romano do Ocidente. Após o desaparecimento dos fundadores do Cristianismo⁷⁶, a liderança eclesiástica que os sucedeu foi acumulando escritos. Tais escritos eram cartas de aconselhamento, tratados de apologética da fé cristã contra seus detratores, coleções de transcrições de sermões, obras que procuram a síntese entre a filosofia da época e a fé. Tais obras, juntamente com seus redatores e divulgadores, passou à história da igreja com a teologia patrística. Patrística tem origem na palavra latina “pater” - pai. De acordo com esta etimologia, após Jesus e os discípulos que conviveram diretamente com ele, vieram os discípulos que conviveram diretamente com os apóstolos, e estes se tornaram os “pais” da Igreja. Esta tradição se estabelece a partir do Império Romano, tanto a oeste, quanto a leste, e temporalmente se estende desde o final do século I até o século VII. A obra *Introdução à Teologia Patrística*⁷⁷ fornece um quadro sinótico, com uma cronologia que vai do século I até o século V. Peter Brown apresenta um outro quadro sinótico, indo até o século VII⁷⁸.

Foram estes pais da igreja que conduziram a Igreja durante seu crescimento, e também através das perseguições que surgiram no decorrer do tempo. Também é com eles que se faz a transição de um tempo de perseguições para um outro tempo, primeiro de liberdade, e, a seguir, de alguns privilégios. E essa transição também não aconteceu de forma indolor para a Igreja. Já falamos aqui da controvérsia ariana, que começou como um debate sobre a natureza de Cristo, que iniciou no território oriental do Império, mas acabou chegando ao ocidente, à medida que o imperador Constâncio, que reinou entre 337 e 361, adotou esta forma de doutrina e tentou fazer com que ela prevalecesse em todo Império⁷⁹. Conforme Gonzalez, citando Jerônimo, “o mundo despertou de um

Paulo: Edições Vida Nova, 1980. Pág. 87-101).

76 Isto é, segundo a tradição, os fundadores são Jesus e os apóstolos; sendo Paulo o mais destacado entre estes; mesmo que o Novo Testamento afirme que Paulo não conheceu Jesus em carne e osso, como teria acontecido com os outros apóstolos, por exemplo, Pedro.

77 PADOVESE, Luigi. **Introdução à Teologia Patrística**. São Paulo: Loyola, 1999. Como foi dito, o quadro sinótico é um anexo do livro.

78 BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade: O Homem, A Mulher e a Renúncia no Início do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. Pág. 14-15.

79 GONZALEZ, Justo L. **Uma História Ilustrada do Cristianismo – Volume 2: A Era dos Gigantes**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1980. Pág. 101. Quando o imperador Constantino, o Grande, morreu, dividiu o Império entre seus três filhos: Constantino II, Constante e Constâncio. Este último foi o que acabou vivendo mais, e tentou impor sua visão da fé cristã (ariana) sobre todo o Império.

sono profundo e percebeu que tinha ficado ariano⁸⁰. Como veremos quando falarmos mais especificamente das *Confissões* de Agostinho, a imperatriz Justina ainda será uma defensora do culto ariano, na corte em Milão, por volta do ano 378. A ortodoxia nicena só viria a prevalecer entre as autoridades romanas, com Teodósio I, o grande, imperador entre 379 e 395⁸¹.

No ocidente do Império outros problemas se apresentaram. No norte da África, veio a cisão por conta do Donatismo⁸², que teve a ver com a forma como os cristãos reagiram à grande perseguição promovida nos tempos de Diocleciano. Enquanto alguns sofreram a perseguição, com prisões, e eventualmente o martírio, outros apostataram, isto é, renunciaram à fé para evitar o sofrimento. Passada a perseguição, muitos destes voltaram a se fazer cristãos, o que gerou o ressentimento da parte de alguns que permaneceram na fé e sofreram. Alguma distinção teria que haver entre os que resistiram, e os que apostataram. É algo que vai afetar a Igreja no norte da África Romana por mais cem anos após o fim das perseguições⁸³.

Também importante, mas sem romper com a ortodoxia da Igreja, após a sua legalização foi o movimento monástico. Gonzalez trata o movimento monástico como uma reação à legalização do cristianismo no Império⁸⁴. Os cristãos não eram mais uma comunidade exclusiva, que praticava sua fé, mesmo à margem do Estado. Quando se tornar cristão se tornou menos árduo nas cidades, muitos cristãos buscaram o deserto em busca de santificação. Esta busca de santificação significou uma vida de privações e, a princípio, isolamento. Privações significava que os monges comiam pouco, praticamente não possuíam bem nenhum, e reprimiam a sua sexualidade. O fenômeno surge no oriente cristão, e com o tempo se espalha para o ocidente.

Após vermos o crescimento do cristianismo, e, dentro deste, a expansão dos ideais monásticos, se torna oportuno voltarmos à definição de misoginia, tal qual definida por Howard Bloch, e já citada no capítulo destinado às questões de teoria, metodologia e revisão bibliográfica. Conforme vimos, mais do que simples “aversão às mulheres” como poderia definir o dicionário. Relembrando, Bloch

80 GONZALEZ, Justo L. **Uma História Ilustrada do Cristianismo – Volume 2: A Era dos Gigantes**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1980. Pág. 101.

81 GONZALEZ, Justo L. **Uma História Ilustrada do Cristianismo – Volume 2: A Era dos Gigantes**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1980. Pág. 144.

82 Sobre Donatismo, há um capítulo de Gonzalez - GONZALEZ, Justo L. **Uma História Ilustrada do Cristianismo – Volume 2: A Era dos Gigantes**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1980. Pág. 79-86.

83 Peter Brown comenta que, já investido do cargo de bispo, Santo Agostinho enfrentava a cisão do Donatismo no norte da África por volta do ano 410, mais de cem anos após a grande perseguição (BROWN, Peter. **Santo Agostinho, Uma Biografia**. Rio de Janeiro: Record, 2008. Pág. 413-421).

84 GONZALEZ, Justo L. **Uma História Ilustrada do Cristianismo – Volume 2: A Era dos Gigantes**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1980. Pág. 57-78.

fala sobre “um ato de fala no qual a mulher é o sujeito da frase e o predicado de um termo mais geral, ou, alternativamente, como o uso do substantivo mulher ou mulheres com M maiúsculo”, e ele afirma ainda que “frequentemente foram aqueles que foram hostis às mulheres que escreveram sobre a 'Mulher' e a sua verdadeira essência imutável”⁸⁵. Quer dizer, a misoginia está associada a uma espécie de discurso, em que aqueles que têm algo contra as mulheres, estereotipam todos os defeitos que eles são capazes de enxergar nessas mulheres, e aglutinam esse discurso, inventando uma mulher essencial, distribuindo esses atributos maléficados do discurso para cada uma das mulheres existentes, apagando a imensa diversidade que possa existir entre cada uma das mulheres que existem no mundo. Com base num discurso maledicente sobre as mulheres, condensando todas as más qualidades que se possa atribuir a esta mulher essencial, se pode passar ao passo lógico seguinte que é reprimir as mulheres em geral.

Esta misoginia se sedimenta na cristandade a partir deste período que temos descrito. Junto com a misoginia estão as ideias sobre controle do corpo e certo pessimismo sexual, estes últimos tornados evidentes pelo impacto do movimento monástico⁸⁶.

Peter Brown lembra que dentro do cristianismo estas questões sobre controle do corpo e pessimismo sexual podem ser datadas dos escritos atribuídos ao apóstolo Paulo⁸⁷. Isso tem graves consequências, uma vez que os escritos atribuídos a Paulo entrarão para o cânon das Escrituras Sagradas do cristianismo, e, a partir de seu caráter sagrado e de base para a fé, serão usados como fundamento para toda e qualquer obra de teologia cristã, onde os crentes poderão buscar orientação e aconselhamento. Brown ressalta uma passagem da Primeira Carta aos Coríntios, onde Paulo

85 BLOCH, Howard. **Misoginia Medieval e a Invenção do Amor Romântico Ocidental**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. Pág. 13, 14. É uma repetição, embora mais breve, das citações feitas no capítulo sobre teoria e metodologia.

86 BLOCH, Howard. **Misoginia Medieval e a Invenção do Amor Romântico Ocidental**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. Pág. 39: “Aqui tocamos numa das principais ansiedades internalizadas que subjaz à projeção na mulher da faculdade de apetite e a correspondente inibição ao refreamento: o medo ligado à incontabilidade do corpo, de seus membros e impulsos. A desconfiança da mulher nos escritos dos primeiros Padres da Igreja é ao menos em parte atribuível a uma recusa, a uma barreira contra a presença contumaz do corpo.”

Sobre isso, ainda podemos citar Aline Rousselle (ROUSSELLE, Aline. **Pornéia, Sexualidade e Amor no Mundo Antigo**. São Paulo: Brasiliense, 1984. Pág. 163-164.): “Uma das questões essenciais para compreender as mudanças que afetaram a civilização do Império não é a razão que levou camponeses ávidos de encontrar o deus cristão a partirem para o deserto, mas por que essa prática de humildes felás teve um tal sucesso entre letrados e aristocratas do Oriente e do Ocidente.”

Com efeito, rapidamente se processou um encontro entre as interrogações dos aristocratas e a experiência dos monges egípcios: como era possível a abstinência total e definitiva? E, antes de mais nada, era possível a própria abstinência? Os nobres do Ocidente, que questionavam tão intensamente seus médicos sobre os meios de reduzir a sua atividade sexual, fizeram viagens ao Oriente, onde pediram relatos sobre a experiência cristã do deserto. Os homens, como as mulheres, fizeram investigações e tornaram-se os propagandistas do objetivo e do método no Ocidente.

87 BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade: O Homem, A Mulher e a Renúncia no Início do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. Pág. 53 e 56.

condena a união entre um homem cristão e uma prostituta, pois o homem que se une com a prostituta se torna uma só carne com ela, assim como Adão se tornou uma só carne com Eva quando se uniu a ela. Brown afirma que tal comparação “foi um uso espantoso de uma imagem de união física”. O corpo deveria ser consagrado a Deus, não à prostituição. Contudo, como desagravo a Paulo, é Howard Bloch que nos lembra que a ele também é atribuída a Carta aos Gálatas, onde está escrito “Não há judeu, nem grego; não há servo, nem livre; não há homem, nem mulher. Todos vós sois um só em Jesus Cristo”⁸⁸. Ou seja uma declaração radical de igualdade, mesmo que em outros trechos do Novo Testamento o mesmo Paulo afirme que as mulheres devam submissão aos seus maridos.

A contenção corporal, as restrições à atividade sexual e a misoginia não são exclusividade dos pensadores cristãos. Pelo contrário, são valores que já eram difundidos entre a elite culta romana. Quanto à contenção corporal e às limitações à atividade sexual, havia tanto os cuidados da medicina da época, quanto os conselhos da ética filosófica. Aline Rousselle cita os textos do médico Galeno:

“Os que se entregam às relações sexuais, e sobretudo os que o fazem sem muito controle, devem cuidar de si mesmos de um modo mais rigoroso do que os outros, a fim de que, pondo os seus corpos na melhor condição possível, sintam menos os efeitos nocivos destas relações; (...)”⁸⁹

Michel Foucault cita tanto os médicos quanto os filósofos. Por exemplo, o filósofo Musonius Rufus,

“Um homem que tem relação com uma cortesã ou com uma mulher não casada não lesa nenhum direito e nem furta a ninguém a esperança de uma descendência”. Mesmo nestas condições comete-se uma falta – assim como pode-se cometer uma falta e injustiça sem prejudicar ninguém à sua volta: a pessoa se emporcalha e, “como os porcos obtém prazer com a própria sujeira”.⁹⁰

Ou o filósofo Sêneca,

Correlativamente a essa presença de paixão amorosa e das volúpias físicas no casamento, intervém um outro princípio, inverso ao primeiro mas também muito geral: a saber, que não se deve tratar a própria esposa como uma amante. Compreende-se que o velho princípio da decência conjugal assumia tanto mais valor quanto mais o casamento tende a constituir o único lugar lícito para os prazeres do sexo. É preciso que Afrodite e Eros estejam presentes no casamento e em nenhum outro lugar; mas, por outro lado, convém que a relação conjugal

88 Gálatas 3:28, conforme BLOCH, Howard. **Misoginia Medieval e a Invenção do Amor Romântico Ocidental**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. Pág. 90.

89 ROUSSELLE, Aline. **Pornéia, Sexualidade e Amor no Mundo Antigo**. São Paulo: Brasiliense, 1984. Pág. 31

90 FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3 – O Cuidado de Si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985. Pág. 170

seja diferente daquela entre amantes. Esse princípio se encontra sob várias formas. Qual sob a forma de um conselho de prudência, sem dúvida bem tradicional: iniciando a própria mulher em prazeres demasiado intensos, corre-se o risco de lhe dar lições de que ela fará mau uso, e em relação as quais se ficará arrependido por lhes ter ensinado.⁹¹

ou o mesmo Galeno citado por Rousselle.

“o coito leva ao máximo da fraqueza aqueles cujas forças são pouco consideráveis, ao passo que aqueles cujas forças estão intactas e que estão doentes pelo efeito da pituíta não ficarão prostrados”⁹²

Em outro trecho, Foucault cita Galeno associando os movimentos do ato sexual às convulsões, isto é, a uma doença:

Galeno analisa aí a convulsão como sendo da mesma natureza, em seu processo, que qualquer movimento voluntário; a diferença reside em que a tração exercida pelo nervo sobre o músculo não tem seu princípio na vontade, mas num certo estado de *secura* (que estica os nervos como uma corda deixada ao sol) ou de *repleção* (que ao inflar os nervos os encurta e puxa exageradamente sobre os músculos). É a este último tipo de mecanismo que se liga o espasmo próprio ao ato sexual.⁹³

Por fim, há na obra de Foucault, uma citação de Soranos, para o qual “a virgindade perpétua é salutar para os dois sexos”.⁹⁴

E com relação à misoginia pagã, Bloch cita Juvenal:

Também aí, a procura de expressões de antifeminismo na cultura romana leva inevitavelmente à sexta sátira de Juvenal, que é uma diatribe tão virulenta contra a mulher e o casamento quanto se pode encontrar no mundo antigo. Nela, a mulher é pintada como sem escrúpulos, infiel, incontrolável, incessantemente tagarela e briguenta, e cheia de desejo por adornos.⁹⁵

Bloch ressalta que, se a misoginia já existia antes do advento do cristianismo, alguns dentre os

91 FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3 – O Cuidado de Si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985. Pág. 178. Uma ressalva aqui é que Sêneca viveu nos tempos da dinastia claudiana, tendo sido tutor de Nero, antes, portanto, da Antiguidade Tardia, mas certamente era conhecido nesses dias da Antiguidade Tardia.

92 FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3 – O Cuidado de Si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985. Pág. 122. De acordo com o dicionário Houaiss, esta é a definição para pituíta: “na Antiguidade, secreção mucosa que, eliminada pelo nariz, era tida como proveniente do encéfalo”.

93 FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3 – O Cuidado de Si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985. Pág. 114

94 FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3 – O Cuidado de Si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985. Pág. 125

95 BLOCH, Howard. **Misoginia Medieval e a Invenção do Amor Romântico Ocidental**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. Pág. 95

pensadores cristãos irão elevá-la a um outro nível. Afinal, quando falamos acima das restrições que uma certa elite letrada impunha a si mesma, devemos ter em mente que estamos falando de uma sociedade em que o trabalho escravo era parte muito importante da produção econômica, e mesmo entre a população livre pobre, a leitura deveria ser muito restrita. Assim poucas pessoas poderiam se dar ao luxo de se preocupar com os cuidados médicos prescritos por Galeno, ou com a ética aconselhada por Musonius Rufus, ou Sêneca. A poesia satírica de Juvenal deve ter tido um alcance maior, mas a sua preocupação era a diversão e não o aconselhamento de seus espectadores.

Com o cristianismo temos um corpo de pensadores que estão preocupados em aconselhar e doutrinar os crentes. E se no topo temos grandes teólogos, em geral bispos, com grandes tratados sobre doutrina e comportamento, na base temos muitos pregadores, divulgando, popularizando estes ensinamentos, e zelando pelo seu cumprimento. Sendo que alguns desses pensadores são extremamente duros em suas opiniões. Um exemplo muito citado é Tertuliano, que viveu no Norte da África, entre 160 e 220. Segundo Peter Brown, em Tertuliano,

“temos a primeira afirmação coerente, redigida para os cristãos instruídos e destinada a desfrutar de um longo futuro no mundo latino, da crença em que a abstinência sexual era a técnica mais eficaz para se chegar à lucidez da alma.”⁹⁶

E dele, Tertuliano, nos chegou um dos mais agudos e virulentos textos misóginos da Antiguidade:

“Você é a porta do demônio: você é aquela que deslacrou aquela árvore (proibida): você é a primeira desertora da lei divina: você é aquela que o persuadiu de que o demônio não era valente o suficiente para atacar. Você destruiu com tanta facilidade a imagem de Deus, o homem. Devido à sua deserção - ou seja, a morte - até o Filho de Deus teve que morrer.”⁹⁷

Outro exemplo extremo é Jerônimo (342-420). Jerônimo não chegou a ser nomeado bispo, mas, como pensador, foi um homem de bastante influência no seu tempo. Ele também se tornou famoso por ser o tradutor da Vulgata, a versão em latim que acabou por se tornar tradução padrão da Bíblia no ocidente cristão. Peter Brown traça um vívido perfil de Jerônimo, no livro *Corpo e Sociedade*⁹⁸. Mas ele escreveu uma obra tão virulenta que fez com que alguns de seus amigos e conhecidos se

96 BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade: O Homem, A Mulher e a Renúncia no Início do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. Pág. 75.

97 BLOCH, Howard. **Misoginia Medieval e a Invenção do Amor Romântico Ocidental**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. Pág. 57, 58.

98 BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade: O Homem, A Mulher e a Renúncia no Início do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. Pág. 303 e seguintes.

afastassem. Tal obra se chamava “Adversum Jovinianum”, ou “Contra Joviniano”. Jerônimo foi um asceta tão exaltado que mesmo um casamento em primeiras núpcias foi chamado de capitulação lastimável, e um casamento em segunda núpcias estava a um passo do bordel, conforme cita Brown⁹⁹.

Obviamente isso tudo precisa ser matizado. O cristianismo não foi constituído com a intenção de ser uma doutrina para reprimir as mulheres. Alguns parágrafos acima, comentamos o texto do Novo Testamento onde é dito que “Não há judeu, nem grego; não há servo, nem livre; não homem, nem mulher. Todos vós sois um só em Jesus Cristo”. Bloch mesmo afirma que os pensadores cristãos da Antiguidade Tardia percebiam esta dualidade em relação às mulheres, de procurar ser igualitário ao mesmo tempo em que oprime. Além disso, citando inimigos do cristianismo, MacMullen informa que o cristianismo era visto como uma religião de “escravos e mulheres”¹⁰⁰.

E mesmo Jerônimo, tão virulento contra as mulheres e contra o sexo e exaltador da virgindade em seus escritos, procurou viver cercado por mulheres. Peter Brown relata que quando Jerônimo se instalou na Terra Santa, em um mosteiro, algumas aristocratas romanas resolveram segui-lo, e fundar uma abadia¹⁰¹. Durante o dia estas mulheres se reuniam com Jerônimo para serem instruídas a respeito das Escrituras.

E assim terminamos este capítulo em que procuramos demonstrar um pouco do quadro histórico em que viveu Agostinho de Hipona, ou Santo Agostinho. A anarquia militar, as lutas pelo poder de Roma, a reorganização feita por Diocleciano, com aumentos de impostos e aprisionamento das pessoas às funções nas quais nasceram, o impacto de Constantino, as relações do Império Romano com a Igreja, as questões doutrinárias da Igreja, e a misoginia dentro da Igreja.

99 BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade: O Homem, A Mulher e a Renúncia no Início do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. Pág. 309, 310.

100 MACMULLEN, Ramsay. **Christianizing the Roman Empire A.D. 100-400**. New Haven/London: Yale University Press, 1984. Pág. 37. MacMullen está citando o grego Celsus, ou Celso em português.

101 BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade: O Homem, A Mulher e a Renúncia no Início do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. Pág. 302.

Agostinho, o Livro das Confissões e as Mulheres

Agostinho de Hipona, ou Santo Agostinho, é figura relativamente conhecida. Nascido em Tagaste, Numídia, na África do Norte, então província romana, em 354, era filho de mãe cristã católica e pai pagão¹⁰². Apesar da influência recebida da mãe teve uma adolescência e juventude afastada do cristianismo católico professado por sua mãe. Durante esse período tomou uma mulher como concubina, e com ela teve um filho, que foi chamado de Adeodato (“dado por Deus”). A partir de determinado momento passa por uma crise existencial que o acaba levando ao catolicismo professado pela mãe. Foi batizado em Milão por Ambrósio, que era então o bispo da cidade. Depois de algum tempo, volta para a África, e, na cidade de Hipona, é eleito presbítero, e posteriormente, bispo, cargo que exercerá até próximo de sua morte em 430. Como bispo, e portanto importante liderança da Igreja Católica, Agostinho deixou registro de uma monumental obra entre livros doutrinários, devocionais, de aconselhamento, e ainda transcrições de sermões e cartas. Com tal capacidade de produção intelectual, Agostinho se tornou um dos mais importantes pensadores da Igreja Católica. Dentre suas obras se destacam *As Confissões* e *A Cidade de Deus*, conforme lembra Bryan Magee¹⁰³, afirmando que Agostinho colabora com duas obras para um certo cânon de obras consagradas da literatura filosófica ocidental.

As Confissões são uma espécie de autobiografia, nas quais Agostinho procura rememorar desde a sua infância até o momento de sua conversão, seu batismo, e seus primeiros passos de cristão convertido. Foi escrita no final do século IV. Boa parte do que foi dito no parágrafo anterior está descrito nas páginas desta obra. O fato de ser uma obra “consagrada”, ou um clássico, na concepção de Magee, e também o caráter relativamente coloquial de sua narrativa tornam *As Confissões* uma obra que ainda é bastante vendida nos dias de hoje. Imagina-se que, se é vendida, também seja lida. Esta obra se estrutura como uma longa oração a Deus, um diálogo/monólogo onde Agostinho revive suas experiências. Há pelo menos duas citações de *As Confissões* que são bastante difundidas. Uma, citada normalmente em tom jocoso, onde Agostinho manifesta sua dificuldade em lidar com seus desejos, “Senhor, dai-me a castidade e a continência, mas não ma deis já!”¹⁰⁴. A outra, de tom devocional, é bastante lembrada por cristãos em momentos de proselitismo: “Nosso coração vive

102 Isto é, adepto das antigas religiões politeístas que existiam na Roma Antiga. No contexto da Antiguidade, os líderes cristãos faziam a distinção entre cristãos, judeus e pagãos, sendo que este último grupo englobava quem não era cristão ou judeu. Hoje em dia, um hindu pode crer em vários deuses (de modo semelhante a um romano antigo antes da ascensão do cristianismo), mas ele já não é mais chamado de “pagão”, mas de hindu mesmo.

103 MAGEE, Bryan. **História da Filosofia**. São Paulo: Edições Loyola, 2000. Pág. 50.

104 SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 214. Livro 8 Capítulo 7.

inquieta, enquanto não repousa em Vós, ó Senhor!”¹⁰⁵.

As Confissões é a obra que nos serve de referência básica em nossa pesquisa a respeito de Agostinho e sua relação com as mulheres, no sentido de conferir em que grau ele seria ou não um misógino, tal qual alguns de seus contemporâneos, e por consequência, base para a misoginia existente em graus variados na sociedade ocidental durante a Idade Média.

O livro *Eunucos pelo Reino de Deus*¹⁰⁶, de Uta Ranke-Heinemann é uma dura crítica à Igreja Católica em geral, e, por conta disso, uma crítica à história da formação da teologia católica através da história. A autora condena o pessimismo sexual associado à Igreja, isto é, sua atitude negativa em relação à sexualidade de maneira em geral, e também o papel subalterno ao qual a Igreja condenou as mulheres. Nesses cerca de 20 séculos de história da Igreja Católica, a autora reserva um lugar especial para Agostinho, chamado mais de uma vez na obra de homem que tem “ódio ao prazer”¹⁰⁷. Como foi dito, o livro é uma dura crítica à Igreja Católica, uma denúncia do que a autora considera errado na atitude da Igreja com relação às mulheres, ao celibato e à sexualidade. Como denúncia, a obra se alinha contra a Igreja, e contra Agostinho. A obra de Ranke-Heinemann se ocupa de mais de uma obra de Agostinho, citando *Comentário ao Gênesis*, e *A Cidade de Deus*, entre outros.

Já a obra de Jostein Gaarder, *Vita Brevis*¹⁰⁸, possui a peculiaridade de ser uma ficção histórica endereçada diretamente ao livro das *Confissões* de Agostinho. A ficção de Gaarder tenta montar uma resposta da concubina de Agostinho às inquietações manifestadas pelo bispo em sua autobiografia. O autor tenta inclusive criar um contexto de descoberta de manuscrito antigo como recurso literário. Assim, a obra não seria uma ficção criada por Gaarder, mas uma “tradução” que este teria feito de um manuscrito do século V, encontrado casualmente em um sebo de Buenos Aires, Argentina, o “Codex Floriae”. Codex Floriae porque, afinal, Flora Emília é como Gaarder vem a batizar a concubina de Agostinho, que nunca é nomeada em *As Confissões*. E o que afirma a obra de Gaarder? Que na realidade, Agostinho não abandonou sua concubina para arranjar um casamento adequado ao seu nível social, mas para abraçar a continência, popular entre o

105 SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 37. Livro 1 Capítulo 1.

106 RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus*. Rio de Janeiro: Record / Rosa dos Tempos, 1996.

107 RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus*. Rio de Janeiro: Record / Rosa dos Tempos, 1996. Pág. 88, 185, 194.

108 GAARDER, Jostein. *Vita Brevis: A Carta de Flória Emília para Aurélio Agostinho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

cristianismo daquela época¹⁰⁹. Insinua um forte complexo de Édipo da parte de Agostinho em relação à sua mãe, tal qual este termo, complexo de Édipo, foi popularizado através da psicanálise no decorrer do século XX¹¹⁰. E, claro, culpa a sogra pelo fim do relacionamento¹¹¹. Por fim, alega que Agostinho a deixou por medo do destino final de sua “alma eterna”¹¹².

A obra *Agostinho e sua Concubina de Juventude*, de Gabriel del Estal¹¹³, como já foi dito, é uma obra claramente apologética. Ela procura defender o posicionamento de Agostinho, o que não é surpresa, levando-se em consideração que o autor é apresentado como sacerdote católico agostiniano. Isto não quer dizer que seus argumentos devam ser descartados. Se trata de uma obra de grande erudição, onde o autor demonstra estar à vontade com a obra original em latim, e com os códigos legais da Roma Antiga. E o cerne do argumento de Estal é que Agostinho abandonou sua concubina, e não casou-se com ela, basicamente por conta das restrições legais que impediriam um alto funcionário da administração do Império, como Agostinho havia se tornado, de casar com uma mulher de condição social inferior, como seria o caso de sua concubina¹¹⁴. Segundo Estal, leis elitistas promulgadas por Augusto restringiram as possibilidades de casamento interclasses em Roma¹¹⁵. E sabemos que Diocleciano acabou por reforçar os papéis sociais de todos os cidadãos romanos, no decorrer da reorganização que seu governo impôs ao Império Romano. Contrariando o argumento de Gaarder, Estal afirma que não se pode confirmar que Agostinho tivesse se separado de sua concubina por conta de sua fé cristã pois, no momento da separação, Agostinho ainda não havia confirmado sua nova fé (embora estivesse em plena busca espiritual), e sua mãe procura uma

109 GAARDER, Jostein. **Vita Brevis: A Carta de Flória Emília para Aurélio Agostinho**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Pág. 31. A personagem Flora (nome dado à concubina de Agostinho) afirma que a verdadeira rival dela não era a menina que havia sido prometida em casamento a Agostinho, mas a “continência”, tratada por “deusa” na obra de Gaarder, em referência a determinada passagem de *As Confissões* (neste caso, a citação é de SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 221. Livro 8 Capítulo 11.).

110 GAARDER, Jostein. **Vita Brevis: A Carta de Flória Emília para Aurélio Agostinho**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Pág. 89. O fato de dar um enfoque freudiano à relação de Agostinho com sua mãe Mônica, torna a obra um tanto anacrônica, afinal, não se pode esperar um enfoque freudiano de alguém que tenha vivido no final do século IV. É certo que a história de Édipo devia ser bastante conhecida no tempo de Agostinho, pois Sófocles escrevera suas peças no século V a.C., mas era uma tragédia que insinuava a impossibilidade dos homens tentarem escapar ao seu destino, destino este profetizado quando Édipo nasceu (segundo a profecia, Édipo mataria o próprio pai, e se casaria com sua mãe), e que se cumpriu quando Édipo assassinou seu pai (sem saber que se tratava de seu pai), salvou a cidade de Tebas da esfinge, e acabou por desposar a rainha de Tebas, sem saber que se tratava de sua mãe. Quando descobre que matara o pai, e desposara a mãe, Édipo de exila e se cega. Isto foi escrito e encenado como peça teatral, uma tragédia. Mais de 2.000 anos se passariam até que Freud viesse a desvelar um outro significado para o “Complexo de Édipo”.

111 GAARDER, Jostein. **Vita Brevis: A Carta de Flória Emília para Aurélio Agostinho**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Pág. 97.

112 GAARDER, Jostein. **Vita Brevis: A Carta de Flória Emília para Aurélio Agostinho**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Pág. 139.

113 ESTAL, Gabriel del. **Santo Agostinho e sua Concubina de Juventude**. São Paulo: Paulus, 1999.

114 ESTAL, Gabriel del. **Santo Agostinho e sua Concubina de Juventude**. São Paulo: Paulus, 1999. Pág. 59.

115 ESTAL, Gabriel del. **Santo Agostinho e sua Concubina de Juventude**. São Paulo: Paulus, 1999. Pág. 57 a 69. Segundo Estal seriam as leis Pápia e Juliana.

outra mulher, de mesma “dignidade social”, com a qual ele pudesse se casar¹¹⁶.

Além das já citadas, também foi importante para esta pesquisa, a monografia *Mulher, a Pecadora: Análise da Relação entre a Figura Feminina e o Pecado nas Confissões de Santo Agostinho*, da então acadêmica Maria Denise Rodrigues¹¹⁷. Nesta monografia a autora faz uma análise da questão do pecado, e de como isto se relaciona com as mulheres, nos primeiros séculos da era cristã, e, em especial, conforme narrado nas Confissões. Neste caso, a autora inclusive procura fazer uma análise teológica do pecado, desde o Velho Testamento da Bíblia, passa pela visão dos teólogos patrísticos a respeito da mulher e do pecado, e chega ao livro das Confissões.

Depois de termos visto algumas obras muito específicas a respeito do livro das Confissões de Agostinho, podemos voltar à nossa questão principal. O que As Confissões nos dizem sobre o bispo de Hipona ser um misógino? O que As Confissões dizem a respeito de uma possível aversão às mulheres ou a respeito da criação de um discurso de caráter pejorativo a respeito da mulher, que acabe por ter consequências negativas com relação aos indivíduos do sexo feminino? Howard Bloch já havia chamado Agostinho de “mais moderado”¹¹⁸, comparativamente a alguns de seus contemporâneos ou predecessores, na Antiguidade Tardia. Passemos à análise de alguns aspectos da obra.

Na tradução em português, quando procuramos pela palavra “mulher” nas Confissões, à procura de um conceito a respeito, o que encontramos são citações da Bíblia, e, fora essas referências à Bíblia, apenas uma vez vamos encontrar Agostinho falando mal de uma mulher específica. A palavra “mulher” também pode ser encontrada na obra associada a mulheres que fizeram parte da vida de Agostinho, como sua concubina, e, principalmente sua mãe.

Com relação a algumas das citações bíblicas, uma das que se pode dizer que pode soar depreciativa às mulheres é uma explicação a respeito da criação no livro bíblico do Gênesis. Eis o trecho:

E assim como na sua alma há uma parte que impera pela reflexão e outra que se submete para obedecer, assim também a mulher foi criada, quanto ao corpo, para o homem. Ela, possuindo, sem dúvida, uma alma de igual natureza racional e de igual inteligência, está quanto ao sexo, dependente do sexo

116 ESTAL, Gabriel del. **Santo Agostinho e sua Concubina de Juventude**. São Paulo: Paulus, 1999. Pág. 67 a 69.

117 RODRIGUES, Maria Denise. **Mulher, a Pecadora: Análise da Relação entre a Figura Feminina e o Pecado nas Confissões de Santo Agostinho**. Porto Alegre: UFRGS, 1997. Monografia.

118 BLOCH, Howard. **Misoginia Medieval e a Invenção do Amor Romântico Ocidental**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. Pág. 90.

masculino, assim como o apetite, de que nasce o ato, se subordina à inteligência para conceber da razão a facilidade em ordem ao bom procedimento.¹¹⁹

Agostinho então afirma que a mulher é dependente do homem, assim como o apetite se subordina à inteligência, embora tanto homem quanto mulher sejam possuidores de uma alma de igual natureza racional e inteligência. Isso soa ofensivo, embora seja encontrável em outros escritos da Antiguidade. Bloch cita Fílon de Alexandria, pensador judeu que viveu no primeiro século, como afirmando que o relato do Gênesis é uma “alegoria da alma em que o homem é a mente e a mulher o sentido da percepção”¹²⁰. No mesmo trecho Bloch informa que Orígenes, Gregório de Nissa, Ambrósio seguiram esta interpretação¹²¹.

E curiosamente, pouco antes, no capítulo 23, do livro 13, Agostinho faz uma referência às criaturas como iguais, formados por Deus:

Desse modo formastes a criatura humana, o homem e a mulher na vossa graça espiritual, sem que no entanto houvesse na ordem do espírito distinção de sexo entre eles, porque “não há judeu, nem grego, nem escravo, nem homem livre”.¹²²

Esta passagem faz uma referência explícita à carta de Paulo aos Colossenses¹²³, mas, sem dúvida poderia se dirigir também à carta aos Gálatas, já referida no capítulo sobre a Antiguidade Tardia. No livro de Bloch, ele informa que isso levava os escritores patrísticos a estarem comprometidos com a doutrina de que em Deus não há nem homem nem mulher, apesar das inclinações pessoais de alguns deles¹²⁴.

No livro 9, capítulo 7 das *Confissões* encontramos Agostinho falando mal de uma mulher. Lá Agostinho escreve “para no momento oportuno os descobrires, a fim de refreardes o furor de uma

119 SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 413. Livro 13, Capítulo 32.

120 BLOCH, Howard. *Misoginia Medieval e a Invenção do Amor Romântico Ocidental*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. Pág. 38.

121 BLOCH, Howard. *Misoginia Medieval e a Invenção do Amor Romântico Ocidental*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. Pág. 38. Orígenes viveu cerca de 200 anos antes de Agostinho. Ambrósio foi o bispo que o batizou em Milão. Gregório de Nissa também foi contemporâneo de Agostinho, embora vivendo na parte oriental do Império Romano, na Capadócia.

122 SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 400. Livro 13, Capítulo 23.

123 Epístola aos Colossenses 3:11. In: *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas, 1986. Pág. 2215.

124 BLOCH, Howard. *Misoginia Medieval e a Invenção do Amor Romântico Ocidental*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. Pág. 90. A passagem da Carta aos Gálatas é “Não há judeu, nem grego; não há servo, nem livre; não há homem, nem mulher. Todos vós sois um só em Jesus Cristo”, copiada aqui tal qual está na página 90 do livro de Bloch.

simples mulher, embora imperatriz”¹²⁵. Embora se aplique a uma mulher específica, é um comentário antipático. Agostinho se referia aqui à imperatriz Justina, mãe do imperador Valentiniano II. A imperatriz era adepta da cissão ariana. Embora o arianismo já tivesse sido condenado pelo Concílio de Niceia, em 325, no final do século IV ele ainda tinha adeptos e simpatizantes, como era o caso da imperatriz. A imperatriz queria que Ambrósio, o bispo de Milão, cedesse templos para o culto ariano na cidade, mas Ambrósio não os cedia. É por isso que Agostinho, no início deste capítulo informe que “havia um ano ou um pouco mais que Justina, mãe do jovem imperador Valentiniano, perseguia o vosso servo Ambrósio por causa da heresia com que fora seduzida pelos arianos.”¹²⁶ Assim, quando Agostinho está falando da fúria de uma mulher, ele está falando contra uma adversária, como ele diz, uma herege, citada pejorativamente muito mais pela discordância doutrinária que pelo fato de ser mulher¹²⁷.

E assim, passamos à questão da sexualidade de Agostinho, que podemos abordar tendo em vista que isso pode manifestar uma forma de se relacionar com o sexo oposto, ou de falar a seu respeito. Já mencionamos acima de Uta Ranke-Heinemann, que trata Agostinho como homem que tem ódio ao prazer. Talvez seja uma forma de abordar o assunto. Mas nas Confissões vemos uma outra realidade. Já citamos anteriormente aquele pedido de castidade jocoso: “Senhor, dai-me a castidade e a continência, mas não ma deis já!”. Logo no livro 2, no segundo capítulo, Agostinho começa dizendo “Que coisa me deleitava senão amar e ser amado?”¹²⁸ A seguir, há um longo trecho em que Agostinho fala sobre a recém descoberta sexualidade na adolescência.

Quem poderia refrear a minha miséria e fazer com que usasse bem da formosura transitória de cada objeto? Quem me fixaria um limite às suas delícias, de tal maneira que as ondas da minha idade se agitassem de encontro à praia do matrimônio – já que doutro modo não era possível a tranquilidade – e encontrassem o fim natural na geração de filhos, como prescreve a vossa lei, ó Senhor, que criais a descendência da nossa raça mortal e podeis suavizar, com mão bondosa, os espinhos desconhecidos no paraíso?¹²⁹

Parecem comentários de quem descobre a sexualidade. No livro 3, quando de sua ida para Cartago a fim de continuar seus estudos, Agostinho volta a falar em “amar e ser amado”.

125 SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 239. Livro 9, Capítulo 7.

126 SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 238. Livro 9, Capítulo 7.

127 Contudo, talvez, esta palavra usada na tradução em português, “seduzida”, devesse ser melhor analisada, em um contexto de maior profundidade com mais obras de Agostinho, e outros autores que a usem.

128 SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 63. Livro 2, Capítulo 2.

129 SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 64. Livro 2, Capítulo 2.

Ainda não amava e já gostava de amar. Impedido por uma necessidade secreta, enraivecia-me contra mim mesmo por não me sentir mais faminto de amor. Gostando de amar, procurava um objeto para esse amor: odiava a minha vida estável e o caminho isento de riscos, porque sentia dentro de mim uma fome de alimento interior – de Vós, ó meu Deus. Não tinha fome desta fome, porque estava sem apetites de alimentos incorruptíveis, não porque deles transbordasse, mas porque, quanto mais vazio, tanto mais enfasiado me sentia. Por isso minha alma não tinha saúde, e, ulcerosa, lançava-se para fora, ávida de se roçar miseravelmente aos objetos sensíveis. Mas se estes não tivessem alma, com certeza não seriam amados.

Era para mim mais doce amar e ser amado, se podia gozar do corpo da pessoa amada. Deste modo, manchava com torpe concupiscência aquela fonte de amizade. Embaciava a sua pureza com o fumo infernal da luxúria. Não obstante ser feio e impuro, desejava, na minha excessiva vaidade, mostrar-me afável e delicado.

Precipitei-me finalmente no amor em que anelava ser enredado. Ó meu Deus, Misericórdia minha, ah! Quanto fel derramou a vossa bondade nestas delícias! Fui amado, cheguei ocultamente aos laços do gozo. Mas, ainda que alegre, enredava-me nos laços das tribulações para ser flagelado pelas férreas e esbraseantes varas do ciúme, das suspeitas, dos temores, dos ódios e das contendias.¹³⁰

E no que acabamos de ver, um estudante adolescente na cidade grande, explorando a sua sexualidade. Com uma linguagem leve e poética, mas parece que é disso que se trata.

Mais tarde, terminados os estudos, Agostinho se estabelece em Cartago, passa a ministrar aulas de retórica, e toma para si uma concubina.

Por esses anos tinha em minha companhia uma mulher que não havia sido reconhecida em matrimônio o que se chama legítima, e que fora procurada por um inquieto ardor, falho de prudência. Mas era só uma, e guardava-lhe a fidelidade do leito. Com meu exemplo aprendi claramente, por experiência, qual é a distância que existe entre a moderação do prazer conjugal, contratado em vista da geração, e o pacto do amor sensual. Deste também nascem filhos, mas contra a vontade dos pais, se bem que, uma vez nascidos, se vejam obrigados a amá-los.¹³¹

Se é certo que estas últimas palavras a respeito das diferenças entre o amor sensual e o prazer conjugal moderado visando a geração de filhos demonstrem uma repreensão moral a respeito da sexualidade “imoderada”, é certo que Agostinho desfrutou bastante de sua sensualidade e de sua

130 SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 79 e 80. Livro 3, Capítulo 1.

131 SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 100. Livro 4, Capítulo 2.

sexualidade. Rodrigues demonstra em seu trabalho que quando Agostinho fala de seus relacionamentos com o sexo oposto, eles sempre estão declarados como pecado¹³², e como impeditivos de Agostinho se aproximar de Deus, mas é possível afirmar que se o bispo de Hipona fosse tão obcecado com relação ao assunto, ou usando as palavras de Ranke-Heinemann, se ele tivesse “ódio ao prazer”, seria o caso de não fazer menção do assunto, em suas *Confissões*, ou fazê-lo de maneira mais encoberta.

É possível acrescentar ainda que quando pensou em casar-se, Agostinho despediu sua concubina, enviando-a de volta para a África do Norte, e enquanto esperava o tempo para que se completasse a idade núbil da noiva (uma menina de dez anos), arranhou uma outra mulher, pois lhe foi difícil ficar afastado dos prazeres sensuais¹³³.

Também podemos nos perguntar: A forma como Agostinho tratou sua concubina é uma manifestação particular de misoginia? De alguma forma é isto que Gaarder insinua com sua obra *Vita Brevis*, a qual vimos acima. Talvez se possa dizer que a simples negativa de Agostinho de nomear sua concubina possa ser uma manifestação de misoginia. Esta mulher com a qual ele viveu por vários anos, e com quem teve um filho, devia ter um nome! Mas talvez o não querer nomeá-la possa ser uma forma de respeitá-la e preservá-la (ao mesmo tempo em que preservava a si próprio), pois, afinal, As *Confissões* foram escritas pouco mais de dez anos após o fim deste relacionamento. É possível imaginar a maledicência que poderia se espalhar pelo norte da África a respeito daquela mulher que fora amante do bispo de Hipona, e que estaria confinada em alguma abadia da região, se o nome dela se tornasse público. E também como vimos, Gaarder insinua que Agostinho deixou sua concubina por conta de sua conversão ao cristianismo, numa renúncia aos prazeres. Mas Gabriel del Estal, também já citado, informa que a concubina foi rejeitada por impedimento legal, conforme também já vimos acima. A explicação de Estal parece mais adequada à descrição de para sua separação de sua concubina. Esta descrição está no capítulo 15 do livro 6 das *Confissões*:

Sendo arrancada do meu lado, como impedimento para o matrimônio, aquela com quem partilhava o leito, o meu coração, onde ela estava presa, rasgou-se, feriu-se e escorria sangue. Retirara-se ela para África, fazendo-Vos voto de jamais conviver com outro homem e deixando-me o filho natural que dela

132 RODRIGUES, Maria Denise. **Mulher, a Pecadora: Análise da Relação entre a Figura Feminina e o Pecado nas Confissões de Santo Agostinho**. Porto Alegre: UFRGS, 1997. Monografia. Pág. 31 a 33.

133 Maria Denise Rodrigues faz uma análise mais detalhada sobre isso em sua monografia. Ver RODRIGUES, Maria Denise. **Mulher, a Pecadora: Análise da Relação entre a Figura Feminina e o Pecado nas Confissões de Santo Agostinho**. Porto Alegre: UFRGS, 1997. Monografia. Pág. 31 a 33.

tivera¹³⁴.

As palavras de Agostinho são sucintas, “como impedimento para o matrimônio”. De acordo com Estal, como Agostinho não poderia casar com sua concubina, eles tiveram que se separar. Talvez eles pudessem permanecer em concubinato até o fim de suas vidas, mas sabemos que existem pressões sociais que podem fazer um casal desistir de um tal arranjo. E a descrição pungente de Agostinho sobre a separação demonstra que não foi sem dor que ele se separou de sua concubina.

Deve ser dito que quando se converte, Agostinho imediatamente afirma o seu desinteresse por uma esposa. Sua conversão à fé católica será também uma despedida da atividade sexual¹³⁵.

Por fim, uma pesquisa que quisesse abordar o relacionamento de Agostinho com as mulheres, através da obra *As Confissões*, não poderia deixar de falar do relacionamento de Agostinho com sua mãe, Mônica. Como vimos quando foi comentado sobre Jostein Gaarder, é um relacionamento tão forte que Gaarder chega a enxergar contornos edipianos, na interpretação freudiana, no relacionamento entre filho e mãe. Talvez não seja o caso de chegar a tanto. A Mônica que sai das páginas das *Confissões* é uma mulher cristã devota, simples, boa esposa e boa mãe, e que sempre se preocupou com a conversão do filho. O fato de ser uma mulher devota e submissa ao marido não a faz uma mulher especialmente adequada aos ideais feministas da segunda metade do século XX, mas certamente Agostinho queria mostrar um retrato de sua mãe, que a ele, Agostinho parecia muito favorável.

O protagonismo de Mônica já aparece no capítulo 3, do livro 2, das *Confissões*: “Porém já tínheis começado a edificar em minha mãe o vosso templo e os fundamentos da vossa santa habitação. (...) Por isso, minha mãe, com tal nova, agitou-se levada de piedosa perturbação e temor”¹³⁶. Isto se dá quando Agostinho manifesta sua puberdade. Mônica teme que a sexualidade de Agostinho possa afastá-lo da religião que ela professava.

No capítulo 11, do livro 3, Agostinho conta de um sonho que teve sua mãe. Seria um sonho profético, pois segundo Agostinho, Mônica orava e chorava por seu filho com frequência. E uma noite, em um sonho ela viu um jovem que disse a ela que onde ela, Mônica, estava, um dia estaria

134 SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 166. Livro 6, Capítulo 15.

135 SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 224. Livro 8, Capítulo 12.

136 SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 66. Livro 2, Capítulo 3.

também seu filho¹³⁷. É certo que o retrato de Mônica traçado por Agostinho remete às mulheres santas descritas na Bíblia, como as narrações natalinas do Evangelho de Lucas, como Isabel, mãe de João Batista, ou Maria, a mãe de Jesus¹³⁸. Ou Ana, mãe do profeta Samuel, no Velho Testamento¹³⁹.

Quando Agostinho se desiludia com os ensinamentos dos maniqueus, Mônica dia e noite “oferecia a Deus, em sacrifícios, o sangue do seu coração transformado em lágrimas”¹⁴⁰. Quando Agostinho decide deixar a África e se dirigir a Roma, Mônica quer ir junto, manter-se perto dele porque teme pela alma dele. Ela o transtorna de tal maneira, que Agostinho decide enganá-la para poder partir¹⁴¹. Quando cai doente em Roma, Agostinho tem consciência que sua mãe está orando por ele¹⁴². Além disso, ela não desiste, e vai à procura do filho, já em Milão¹⁴³. E quando percebe que Agostinho abandonara a seita dos maniqueus, fica feliz com isso, e com a aproximação de Agostinho da fé católica. Se tornou grata a Ambrósio por este ter feito com que Agostinho se aproximasse do catolicismo: “Ela amava este homem como um anjo de Deus, porque sabia que fora ele quem me tinha levado a flutuar nesta dúvida”¹⁴⁴. A admiração de Ambrósio por Mônica é recíproca, conforme diz Agostinho: “Ambrósio estimava-a pela solicitude tão religiosa com que praticava fervorosamente as boas obras e frequentava a igreja. Por isso, muitas vezes, ao ver-me, irrompia em louvores, felicitando-me por ter tal mãe”¹⁴⁵. Quando Agostinho busca um casamento, a mãe vai

137 SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 94. Livro 3, Capítulo 11. Neste sonho, Mônica se via sobre uma régua de madeira, na qual, um dia, Agostinho acabaria por estar também. Isto acaba sendo usado por Gaarder como evidência daquele amor edipiano comentado anteriormente.

138 Evangelho de Lucas 1. In: **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Edições Paulinas, 1986. Pág. 1926 a 1930.

139 I Samuel 1. In: **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Edições Paulinas, 1986. Pág. 419. Nesta passagem diz “Então Ana, depois de terem comido no quarto, se levantou e se apresentou diante de Iahweh – o sacerdote Eli estava sentado em sua cadeira, no limiar da porta da casa de Iahweh. Na amargura de sua alma, ela orou a Iahweh e chorou muito. E fez um voto dizendo: “Iahweh dos Exércitos, se quiseres dar atenção à humilhação de tua serva e te lembrares de mim, e não esqueceres da tua serva e lhe deres um filho homem, então eu o consagrarei a Iahweh por todos os dias da sua vida, e a navalha não passará sobre a sua cabeça”.” Soa muito parecido com esta passagem das Confissões, onde Mônica vai falar com um bispo pedindo que este aconselhe Agostinho: “(...) Destes-me, pois, outra resposta, por meio de certo bispo, ministro vosso que crescera à sombra do santuário, e muito douto nos vossos livros. Pedira-lhe minha mãe que se dignasse falar comigo, refutar-me os erros, afastar-me do mal, ensinar-me o bem. (...) Respondeu que eu ainda era indócil, por me encontrar enfatueado com a novidade daquela heresia [o maniqueísmo] (...) acrescentou: “Deixe-o ficar onde está; limite-se a orar por ele a Deus; pela leitura ele mesmo reconhecerá o erro e quão grande é a sua impiedade”. (...) Depois de assim falar, não querendo ela sossegar e instando com mais súplicas e mais copiosas lágrimas, para que me viesse e discutisse comigo, disse-lhe o bispo, já um pouco enfadado: “Vai em paz e continua a viver assim porque é impossível que pereça o filho de tantas lágrimas”.” Com a notável diferença que as mulheres da Bíblia citadas aqui oravam por seus filhos infantes, enquanto Mônica mostrava extrema preocupação pela alma de Agostinho adulto.

140 SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 132. Livro 5, Capítulo 7.

141 SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 132 a 134. Livro 5, Capítulo 8. Agostinho decide ir para Roma, pois esperava que ali tivesse mais alunos, e alunos que não lhe dessem calote como acontecia em Cartago.

142 SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 134 a 136. Livro 5, Capítulo 9.

143 SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 145. Livro 6, Capítulo 1.

144 SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 146. Livro 6, Capítulo 1.

145 SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 147. Livro 6, Capítulo 2.

ajudá-lo a buscar uma noiva¹⁴⁶. Quando Agostinho narra sua conversão, como poderíamos esperar, sua mãe logo vem a saber, e se alegra com a notícia¹⁴⁷. Num breve experimento comunitário católico, em Cassiciaco, onde Agostinho se reúne com amigos e seu filho, Mônica também está presente¹⁴⁸. Durante os incidentes com a imperatriz Justina, já relatados acima, Mônica permanece na basílica junto de Ambrósio durante as vigílias de resistência por parte do bispo de Milão¹⁴⁹. De fato, Mônica estará no livro das Confissões até sua morte. E justamente com sua morte será encerrado o nono livro das Confissões de Santo Agostinho. Os capítulos 8 ao 13 deste livro são dedicados à narrativa de sua morte, de suas exéquias e do louvor de sua memória¹⁵⁰. Entre esses louvores há um episódio chamado de “Êxtase de Óstia”, um momento de epifania que teriam compartilhado mãe e filho, em Óstia, localidade próxima de Roma¹⁵¹. Agostinho vai rememorar os momentos da mãe. Boa filha, boa esposa, que suportou as infidelidades do marido, não discutia com ele em momentos de ira, e recomendava às vizinhas que não falassem mal de seus próprios maridos, mesmo que esses as espancassem¹⁵². Procurou manter bom relacionamento com a sogra, mesmo que isso resultasse em castigos para escravas que promovessem intrigas entre nora e sogra¹⁵³. E que, por fim, ganhou o marido para a fé católica, e tentou criar os filhos nesta mesma fé¹⁵⁴. Enfim, uma mulher que foi um grande exemplo de fé e de vida para seu filho, mesmo que hoje alguns desses comportamentos possam parecer questionáveis para os padrões modernos. Se Maria, a mãe de Jesus, se constituiu numa referência de santidade e ideal de virgindade para a Cristandade Ocidental¹⁵⁵, eis aqui Agostinho erigindo uma mulher em cristã exemplar, sem que ela seja uma virgem, mas, pelo contrário, mãe de alguns filhos.

As Confissões nos mostram um homem ponderado. Em sua meia idade, ele está fazendo uma avaliação de sua vida, relembando boa parte do que passou.

Quando pensamos nas mulheres mencionadas nestas memórias, duas se sobressaem, sua concubina, e, principalmente, sua mãe. Além dessas são mencionadas uma noiva, muito jovem, com a qual ele

146 SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 146. Livro 6, Capítulo 13. Como um casamento entre membro distintos da sociedade romana, não é um casamento por amor, mas um casamento por interesses, o que Agostinho tem em mente.

147 SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 222 a 224. Livro 8, Capítulo 12.

148 SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 232 e 233. Livro 9, Capítulo 4.

149 SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 238. Livro 9, Capítulo 7.

150 SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 239 a 253. Livro 9, Capítulos 8 a 13.

151 Tal momento teria inspirado o pintor francês Ary Scheffer a pintar um quadro chamado “Santo Agostinho e Mônica”.

152 SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 242. Livro 9, Capítulo 9.

153 SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 243. Livro 9, Capítulo 9.

154 SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 244. Livro 9, Capítulo 9.

155 BLOCH, Howard. *Misoginia Medieval e a Invenção do Amor Romântico Ocidental*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. Pág. 114.

teria se comprometido em casamento, mas que não chegou a se concretizar. Inclusive não sabemos se ele chegou a travar contato pessoal com esta noiva, pois isso não aparece claramente na obra. Também é mencionada uma outra mulher que ele tomou como concubina enquanto esperava que a noiva chegasse à idade núbil. Podemos especular se era uma concubina ou uma meretriz. Há referências sutis a possíveis meretrizes em Cartago, também como vimos. E há uma menção negativa à imperatriz Justina. Mas em nenhum destes casos é articulado um discurso generalizante a respeito das mulheres, ou são criadas palavras sobre alguma mulher essencial cujos atributos abarquem todos os indivíduos do sexo feminino. Além disso, *As Confissões* é uma obra reflexiva, como foi dito, uma autobiografia. Sempre que se refere ao pecado, Agostinho está mais preocupado consigo mesmo, do que em repreender alguém mais. É um homem se apresentando diante de Deus.

A partir das *Confissões*, poderíamos tomar de fato Agostinho como um moderado, como fala Bloch. Um moderado, em relação a alguns de seus predecessores e de alguns contemporâneos, e sucessores¹⁵⁶.

No capítulo de *Corpo e Sexualidade* em que fala especialmente de Agostinho, Peter Brown, faz algumas considerações. Informa, por exemplo, que para Agostinho, “o compromisso com a Igreja Católica havia passado (...) a parecer implicar inexoravelmente que ele deveria também comprometer-se com uma vida de continência perpétua”¹⁵⁷. Mas Brown também acrescenta que “dentre os escritores cristãos da Igreja Primitiva, Agostinho é o único cuja atividade sexual anterior nos é conhecida”¹⁵⁸. Brown afirma ainda que nas *Confissões*, Agostinho “se debruça de maneira dolorosamente intensa sobre sua sexualidade passada”, mas que também “abordava as esperanças de um grupo em relação a sua Igreja, e, implicitamente, a sua sociedade”¹⁵⁹. Brown afirma ainda que, lembrando de sua juventude em Cartago, junto a sua concubina, Agostinho, um bispo com 43 anos de idade, tendeu a julgar aqueles anos “com doçura”¹⁶⁰.

156 BLOCH, Howard. **Misoginia Medieval e a Invenção do Amor Romântico Ocidental**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. Pág. 90.

157 BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade: O Homem, A Mulher e a Renúncia no Início do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. Pág. 318.

158 BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade: O Homem, A Mulher e a Renúncia no Início do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. Pág. 318.

159 BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade: O Homem, A Mulher e a Renúncia no Início do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. Pág. 319.

160 BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade: O Homem, A Mulher e a Renúncia no Início do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. Pág. 319.

Conclusão

Esta monografia teve o objetivo de avaliar o papel de Agostinho com relação à misoginia que se tornou parte da cultura da sociedade ocidental a partir do final da Antiguidade, e para tanto, resolveu fazer uma análise da obra *As Confissões*, uma obra de caráter autobiográfico, em que o autor relembra fatos que foram importantes em sua vida, inclusive seus relacionamentos afetivos.

A misoginia, para além de seu conceito mais simples, que significa “aquele que tem aversão às mulheres”, pode ser classificada como um discurso que busca desqualificar as mulheres em geral, inventando um conceito essencializante, em que uma série de características negativas são associadas à “mulher”. Mulher então se torna um ser único a qual são associados os males da humanidade, ou àquela quase metade da humanidade que não é “mulher”. Vale repetir aqui uma citação de Alberto Magno, utilizada em uma nota de rodapé, no capítulo sobre teoria e metodologia, e que é paradigmático sobre este tipo de discurso:

“a mulher é menos qualificada (que o homem) para o comportamento moral. Pois a mulher contém mais líquido que o homem, e é uma propriedade dos líquidos fazer com que as coisas subam com facilidade mal se apegando a elas. Os líquidos se movem com facilidade, portanto as mulheres são inconstantes e curiosas. Quando uma mulher tem relações com um homem, gostaria, tanto quanto possível, de deitar com outro homem ao mesmo tempo. A mulher não sabe o que é fidelidade. Acreditai-me, se lhes derdes a vossa confiança, ficareis desiludidos. Confiai num professor experiente. Por essa razão os homens prudentes partilham de seus planos e ações com qualquer pessoa, menos com as esposas. A mulher é um homem vil e bastardo e tem uma natureza imperfeita e deficiente em comparação com a dele. Portanto, é insegura de si. O que não pode conseguir, tenta obter através de mentiras diabólicas. E assim, para abreviar, deve-se estar de guarda ante toda mulher, como se ela fosse uma cobra venenosa e um demônio com chifres. Se eu pudesse dizer o que sei sobre as mulheres, o mundo ficaria espantado... A mulher, estritamente falando, não é mais esperta e sim mais maliciosa do que o homem. A esperteza soa como algo bom, a malícia como algo mau. Assim no atos malignos e perversos, a mulher é mais esperta, ou seja, mais maliciosa do que o homem. Seus impulsos a impelem em direção a todos os males, assim como a razão impele o homem para todo o bem”¹⁶¹.

Obviamente um discurso tão negativo traz consequências, e por conta de um tal discurso e de outros tantos no mesmo estilo, as mulheres tiveram muitas restrições nas sociedades ocidentais.

161 RANKE-HEINEMANN, Uta. **Eunucos pelo Reino de Deus**. Rio de Janeiro: Record / Rosa dos Tempos, 1996. Pág. 192.

Sendo Agostinho um pensador dos mais importantes para a sociedade ocidental, o mais importante teólogo católico até o surgimento de Tomás de Aquino, procuramos ver como ele lidou com as mulheres no livro que mais fala de seu íntimo.

E o que ele fala? Ele fala dubiamente. Sempre fala de seus relacionamentos afetivos e sexuais, como ligados ao pecado, portanto associando sexualidade e pecado. Mas também fala com afeto. Denuncia-o esta linguagem poética de “amar e ser amado”, ou de “gozar o corpo da pessoa amada”. Soa engraçado que alguém diga “Senhor, dai-me a castidade e a continência, mas não ma deis já!”. Vimos que é possível que ele tenha frequentado meretrizes quando de sua juventude em Cartago. E vimos também que ele tomou para si uma concubina, com a qual viveu por vários anos, e com quem teve um filho. Então, com relação aos seus relacionamentos temos este posicionamento em que Agostinho denuncia o pecado, mas rememora seus momentos, mesmo que em linguagem sutil e poética.

Além disso vimos que Agostinho traça um quadro extremamente favorável de sua mãe. Para Agostinho ela foi uma boa filha, uma boa esposa, uma influência benévola sobre as vizinhas e conhecidas, uma boa nora, uma boa mãe, e principalmente uma boa cristã católica. Sempre orando e chorando, para que Deus pudesse convencer seu filho (Agostinho) a encontrar a verdade da religião católica que ela professava tão fervorosamente.

Tanto no caso de seus relacionamentos afetivos, quanto no caso de sua mãe, em nenhum momento encontramos palavras de Agostinho no livro das Confissões que possam ser comparadas às de Alberto Magno. Se as mulheres com quem se relacionou são associadas à tentação e ao pecado, Agostinho está muito mais preocupado com o pecado que ele praticava, que com suas mulheres como instrumento do erro. Neste aspecto vale lembrar que quando se separou de sua concubina, louvou-a por ela ter feito voto de não conhecer outro homem, e retirar-se de volta para o norte da África, enquanto ele arranhou outra amante enquanto esperava que a menina que lhe estava prometida em casamento chegasse a idade mínima necessária segundo as leis romanas¹⁶². Isto é, ele seria, pelos seus próprios critérios, muito mais pecador, que sua concubina um instrumento de pecado.

Assim, com base no livro das Confissões, eu diria que Agostinho é um moderado com relação à misoginia. As mulheres são fonte de tentação e pecado para ele, mas ele se incrimina junto, e não

162 SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Pág. 166. Livro 6, Capítulo 15.

constrói um discurso desqualificante em torno delas. Agostinho cita o livro bíblico de Gênesis, lembrando que primeiro foi criado o homem, e depois a mulher, e uma hierarquia derivada disso seria a ordem natural das coisas, mas esta é uma ideia originada diretamente em um livro considerado sagrado, e lá a descrição é exatamente esta.

Certamente para um homem com uma obra tão vasta como é o caso de Agostinho, este trabalho é muito limitado. O teólogo católico merece mais estudos, e em especial, seria interessante que houvesse mais estudos de interpretação de seu relacionamento com o sexo feminino, tanto pessoal, quanto pastoral e doutrinário.

Bibliografia:

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

Ancient History in depth: Hadrian's Wall Gallery. BBC. Disponível em <http://www.bbc.co.uk/history/ancient/romans/hadrian_gallery.shtml>. Acesso em 09/09/2010.

ANDERSON, Perry. **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BARROS, José d'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BLOCH, Howard. **Misoginia Medieval e a Invenção do Amor Romântico Ocidental**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

BROWN, Peter. **A Ascensão do Cristianismo no Ocidente**. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

BROWN, Peter. Antiguidade Tardia. In: VEYNE, Paul. **História da Vida Privada – Volume 1: Do Império Romano ao Ano Mil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade: O Homem, A Mulher e a Renúncia no Início do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

BROWN, Peter. **Santo Agostinho, Uma Biografia**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

CABRERA, Emilio. **Historia de Bizancio**. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

CLARK, Elizabeth (Ed.). **St. Augustine, On Marriage and Sexuality**. Washington, DC: The Catholic University of America Press, 1996.

DOMBROWSKI, Daniel A. St. Augustine, Abortion, and Libido Crudelis. **Journal of the History of Ideas**, Vol. 49, No. 1 (Jan. - Mar., 1988), pp. 151-156. University of Pennsylvania Press. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/2709708>>. Acesso em 24/10/2008.

DUBY, Georges. **Eva e os Padres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **Histoire des Femmes en Occident: I – L'Antiquité**. S.l.: Editions Perrin, 2002.

ESTAL, Gabriel del. **Santo Agostinho e sua Concubina de Juventude**. São Paulo: Paulus, 1999.

FINLEY, Moses I. **História Antiga, Testemunhos e Modelos**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3 – O Cuidado de Si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FUNARI, Pedro Paulo; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA, Glaydson José da (Orgs.). **Amor, desejo e poder na Antiguidade**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. São Paulo: Contexto, 2001.

GAARDER, Jostein. **Vita Brevis: A Carta de Flória Emília para Aurélio Agostinho**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GINZBURG, Carlo. Sinais – Raízes de um Paradigma Indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais – Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GONZALEZ, Justo L. **Uma História Ilustrada do Cristianismo – Volume 1: A Era dos Mártires**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1980.

GONZALEZ, Justo L. **Uma História Ilustrada do Cristianismo – Volume 2: A Era dos Gigantes**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1980.

Irã. In: **Grande Enciclopédia Larousse Cultural**. São Paulo: Nova Cultural, 1998. V. 13, p.3217 - 3222.

LANGLOIS, Charles Victor; SEIGNOBOS, Charles. **Introduction to the Study of History**. New York: Henry Holt and Company, 1904.

LOPES, Eduardo Matos. A Influência Religiosa no Comportamento Sexual na Sociedade Romana entre os séculos III e VI. XVI Semana de Humanidades - 20 a 24 de outubro de 2008. UFRN. Disponível em <<http://www.cchla.ufrn.br/humanidades/ARTIGOS/GT11/A%20INFLUENCIA%20RELIGIOSA%20NO%20COMPORTAMENTO%20SEXUAL%20NA%20SOCIEDADE%20ROMANA%20ENTRE%20OS%20SEculos%20III%20E%20VI%20%28ARTIGO%29.pdf>>. Acesso em 30/06/2010.

LOT, Ferdinand. **O Fim do Mundo Antigo e o Princípio da Idade Média**. Lisboa: Edições 70, s.d..

MACMULLEN, Ramsay. **Christianity & Paganism in the Fourth to Eighth Centuries**. New Haven/London: Yale University Press, 1997.

MACMULLEN, Ramsay. **Christianizing the Roman Empire A.D. 100-400**. New Haven/London: Yale University Press, 1984.

MAGEE, Bryan. **História da Filosofia**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MARROU, H.-I. **Decadência Romana ou Antiguidade Tardia?**. Lisboa: Editorial Aster, 1979.

Misoginia, Misógino. In: **Grande Enciclopédia Larousse Cultural**. São Paulo: Nova Cultural, 1998. V. 16, p.4013.

OLIVEIRA, Waldir Freitas. **A Antiguidade Tardia**. São Paulo: Ática, 1990.

PADOVESE, Luigi. **Introdução à Teologia Patrística**. São Paulo: Loyola, 1999.

PINTO, Luciano R. A Construção do Celibato Clerical: da Influência “Pagã” à Disciplina do Poder Pastoral. **Revista Nova História**. Vol 1 Nº 1 Ano 2009/2010. Disponível em <<http://www.novahistoria.com.br/artigos2009/celibato.doc>>. Acesso em 29/07/2010.

POSSÍDIO. **Vida de Santo Agostinho**. São Paulo, Paulus, 1997.

RANKE-HEINEMANN, Uta. **Eunucos pelo Reino de Deus**. Rio de Janeiro: Record / Rosa dos Tempos, 1996.

RODRIGUES, Maria Denise. **Mulher, a Pecadora: Análise da Relação entre a Figura Feminina e o Pecado nas Confissões de Santo Agostinho**. Porto Alegre: UFRGS, 1997. Monografia.

ROUSSELLE, Aline. **Pornéia, Sexualidade e Amor no Mundo Antigo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ROSTOVTZEFF, M. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

RUIZ, Alice. O Segundo Sexo. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 29/03/2009. Caderno Mais!.Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2903200903.htm>>. Acesso em 03/04/2009.

SAND, Shlomo. Como surgiu o povo judeu? **Le Monde Diplomatique Brasil**. São Paulo, 08/09/2008. Disponível em <<http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=407>>. Acesso em 17/06/2010.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

SILVA, Marcelo Cândido da. A Alta Idade Média entre os séculos XIX e XX: da Nação à Etnogênese. In: PEREIRA, Nilton Mullet; ALMEIDA, Cybele Crossetti de; TEIXEIRA, Igor Salomão (Orgs.). **Reflexões sobre o Medieval**. São Leopoldo: Oikos, 2009.

STEVENSON, Jay. **O Mais Completo Guia sobre Filosofia**. São Paulo: Mandarim, 2001.

STRATHERN, Paul. **Santo Agostinho em 90 Minutos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

VINZENT, Markus. Peter Brown. **Academici Knowledge Networks**. Disponível em <<http://academici.sossoon.net/blog.aspx?bid=3635>>. Acesso em 04/08/2010.

WILLS, Garry. **Santo Agostinho**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.